

Lígia Garcia Diniz

32
D585v
1998

VIVER EM IPATINGA: OLHARES
DE CIDADINOS SE FAZENDO NA
CIDADE - (1958-1992)

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Ciência Política
da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal
de Minas Gerais, defendida em

09/02/98

13

Orientador: Michel Marie Le Ven

BELO HORIZONTE-MG

FEVEREIRO-1998

VIVER EM IPATINGA: OLHARES DE
CITADINOS SE FAZENDO NA CIDADE
(1958-1992)

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o Michel Marie Le Ven - Orientador

Prof^a Magda Maria Bello de Almeida Neves

Prof^a Nilcéa Moraleida Gomes

Aos meus filhos,

**Marcelo e Marcus Henrique, que
sempre souberam respeitar minha
busca pela autonomia e liberdade.**

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de um trabalho de mais de dois anos além do tempo necessário à conclusão dos créditos exigidos pelo Programa de Mestrado em Ciência Política. Durante esse período, foram muitos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para sua conclusão.

Esse estudo só foi possível porque os moradores de Ipatinga existem - seus homens, suas mulheres, seus operários. Para representá-los nomeei Dona Ione Moraes Tofanelli, Maria da Glória Gonçalves, José Horta, Chico Ferramenta. No entanto, todos os moradores que me permitiram entrevistá-los oferecendo seus acervos pessoais para estudo, além do tempo e observações pessoais para enriquecimento da minha pesquisa, merecem meus carinhosos agradecimentos.

Agradeço aos professores, funcionários e colegas do Departamento de Ciência Política pelo apoio, orientação nos estudos e suporte institucional.

Dentre os colegas, a gratidão especial à Daise pela amizade sincera; um agradecimento especial a Matilde de Souza pela confiança e incentivo à retomada dos estudos. A todos de minha família pelo carinho e compreensão, sobretudo aos meus pais (in memoriam), José Garcia Filho, Julieta Vieira Garcia; ao Zé e aos seus filhos, Hugo e Paulo minha

gratidão sincera. Aos meus irmãos, Dadade, Julita e Stael; aos meus filhos, Marcelo e Marcus Henrique-(Sola). À Stael e Garotão, um agradecimento especial.

À SETAS-Secretaria de Estado do Trabalho-MG, pela oportunidade de trabalhar no Vale do Aço, experiência, em vários aspectos, gratificante - vivência que me trouxe a possibilidade de desenvolver esse estudo.

Aos funcionários da Biblioteca da FAFICH-UFMG pela colaboração na localização de material pertinente à pesquisa. Ao CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão de uma bolsa de estudos, que financiou parte desse trabalho.

Finalmente, desejo registrar meus agradecimentos ao meu orientador e amigo, Professor Michel Marie Le Ven. A confiança em meu desenvolvimento, a capacidade para me ouvir, sem dúvida alguma, muito influenciaram minha própria formação, bem como o incentivo e o apoio - fundamentais para esse processo e para sua conclusão.

Assinalando que as limitações desse trabalho são de minha exclusiva responsabilidade, quero manifestar a todos meu profundo reconhecimento e gratidão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
METODOLOGIA.....	11
/ CAPÍTULO I - <u>O OLHAR DO PODER</u>).....	27
1- Definindo o local da usina	
2- O olhar vigilante da empresa	
CAPÍTULO II - A PAZ DA ORDEM	53
1- <u>Subcondições de trabalho</u> - repressão e vigilância	
2- O massacre de 7 de outubro de 1963	
CAPÍTULO III - DO SANGUE NASCE A VIDA.....	64
1- A empresa tenta aproximar-se do povo	
2- A presença da mulher na vida da cidade	
3- Ruptura: Construindo resistências.	
CAPÍTULO IV - A CIDADE COMO LUGAR DE VIDA	115
1- A cidade administrada pelos seus cidadãos	
2- A submissão da empresa ao poder do povo	
CONCLUSÃO.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134

INTRODUÇÃO

Nesse estudo quero compreender e ao mesmo tempo expor, o processo histórico da formação política e social da cidade de Ipatinga, tentando alcançar o sentido de sua direção.

Inicialmente, sem entrar em maiores considerações, importa colocar aqui, alguns pontos sobre o município. A cidade foi criada dentro de um novo modo de acumulação capitalista - a modernização industrial observada no período Kubitschek¹, às portas do colapso democrático em 1964. Ipatinga é hoje um dos maiores pólos siderúrgicos da América Latina. Uma cidade com mais de 250.000 habitantes cuja economia, a partir de 1958, foi radicalmente alterada com a instalação da Usina Intendente Câmara, hoje USIMINAS - Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais.

A necessidade de conhecer a vida dos cidadãos-cidadãos de Ipatinga foi a motivação primeira desse estudo, fruto de inquietações vividas por mim, dentro daquela cidade, quando fui também moradora dali, por alguns anos.

¹ Juscelino Kubitschek de Oliveira - político mineiro, Secretário do Governador Benevides Valadares (1933); Deputado Federal (1934-1937) e (1946-1950); Prefeito de Belo Horizonte (1940 -1945); Presidente da República (1956 -1961); Senador pelo Estado de Goiás. Cassado em 1964, teve seus direitos políticos suspensos por dez anos.

Construir a história social de uma cidade como Ipatinga é um grande desafio. Nesse caso, é uma provocação, pois é uma cidade em seu nascimento. No entanto, ainda que nascente, carrega consigo não só os louros de importância nacional na produção e exportação do aço, mas também uma tarja de luto pela perda de quase cem operários no massacre de 63. E conta apenas 35 anos.

Criar cidades no Brasil é fato comum: "(...) *assim como Brasília, e outras como Goiânia*", Ipatinga parece revelar a idéia de que "(...) *no Brasil, criar cidades não é fato excepcional.*" (LE VEN, 1987:6).

É de meu interesse nesse estudo compreender a história de Ipatinga, desde o início dos canteiros de obras, em 1958, onde a indústria metalúrgica "(...) *a tomou de assalto, apoderou-se dela e remanejou-a segundo suas necessidades*" (LEFEVBRE, 1969:14), passando pela instauração da cidade da ordem, pela análise da organização dos seus movimentos políticos populares após a segunda metade de 70; culminando com sua "*fundação*"² no final da década de 80.

Situando o papel do Estado na criação de Ipatinga, não pretendo realçar sua função enquanto agente de criação. Muito pelo contrário, o aspecto de "*fundação*" da cidade dentro das relações sociais que, se não exclui o Estado como

² o conceito de fundação usado na dissertação é de Maquiavel, segundo o qual "*não existe nada mais difícil de tratar, nem mais duvidoso de se conseguir, nem mais perigoso de se manejar, do*

ator dentro de uma realidade social onde ele está contido, também não o aponta como ator principal.

Pretendo realçar as relações sociais que se apresentam a partir do momento em que a cidade se constrói, não enquanto espaço social das relações econômicas ou das relações sociais no local de trabalho, mas muito mais, e, principalmente no espaço público comum a todos os cidadãos.

Quero apontar elementos para uma reflexão crítica da construção de cidades a partir das necessidades do capital e posterior a elas, acreditando que "(...) a cidade não é uma certa organização de uma população no espaço, mas é muito mais o local de atuação de certas forças sociais historicamente situadas no espaço e no tempo e detentoras do poder real de transformação do espaço físico-social." (LE VEN, 1987:7).

E acreditando também que ela "(...) não é apenas a obra de engenheiros e arquitetos, mas de todos os grupos sociais, que se organizam em função de interesses específicos não necessariamente convergentes, principalmente da classe operária que de fato conquista e constrói o espaço (LE VEN, 1987:8).

A partir das leituras feitas sobre história de cidades, interessei-me pelo tema - não só pelos dados da

que se transformar em chefe e introduzir novas leis". (Maquiavel, O Príncipe, VI , Apud Bignotto: 128).

história oficial, institucional, mas por um estudo que fizesse referência direta aos seus moradores. Os estudos não vinculados ao tema cidade, mas também preocupados em buscar respostas às indagações teóricas sobre as condições de vida e trabalho dos cidadãos, têm levado muitos pesquisadores a saírem do âmbito da universidade, estabelecendo um contato direto com os cidadãos e com eles pensarem a forma do lembrar as experiências do cotidiano³.

Esse trabalho busca essa orientação de estudo, ou seja, ouvir os moradores da cidade - através de seus olhares ao passado vivido, ouvindo suas falas - compreendendo o significado político da presença dos cidadãos-citadinos na cidade.

³ A esse respeito, ver Magda Neves, *Trabalho e Cidadania*; Michel Le Ven, *Trabalho e Democracia: A experiência dos metalúrgicos mineiros* - Tese de Doutorado, 1988.

METODOLOGIA

Na introdução dessa dissertação, apontei Ipatinga artificialmente criada para atender aos interesses econômicos da proposta de industrialização no Brasil, nos idos anos 50. Colocada assim, torna-se possível refletir teoricamente sobre a cidade. No geral, sua criação, bem como um outro espaço coletivo público, atém-se a um contexto histórico maior. Isto é, vem em resposta a uma conjuntura histórica estrutural vivenciada naquele momento pela sociedade.

Assim, o poder político, a busca desenfreada pela expansão e acumulação do capital terá como resposta a essa mesma busca, "*(...) que determina o destino do homem, até que a última tonelada de carvão fóssil seja consumida*" (WEBER, Apud Berman,1992:26), a capacidade também de compreender esse destino e combatê-lo.

" *(...) A ciência da cidade exige um período histórico para se construir e para orientar a prática social.*" (LEFEBVRE, 1969: 103). As formas, as funções, as estruturas conjugam-se com as necessidades sociais inerentes à vida urbana. São necessidades "*(...) opostas e complementares; de*

segurança e de abertura, de certeza e de aventura, da organização do trabalho e do jogo, da previsibilidade e do imprevisto, da unidade e da diferença, do isolamento e do encontro, de trocas e de investimentos." (LEFEBVRE, 1969:96). Enfim, uma nova praxis.

Sobre a história da cidade de Ipatinga, não há nenhuma produção acadêmica sistematizada. No entanto, algumas pesquisas abordam a História da USIMINAS. Outras, sob forma de romance, exploram aspectos da sua história, com descrições fantasiosas das suas antigas carvoarias⁴. Quero com esse estudo registrar uma *história* da cidade, colhendo, ordenando, situando, e, principalmente ouvindo as lembranças através dos olhares dos moradores sobre a cidade. Trabalho e memória juntos, "(...) porque a memória não é um sonho, é trabalho." (BOSI, 1996:35).

Sem dúvida, a USIMINAS é um importante marco da História de Ipatinga. Sobretudo pela produção do aço e pela concentrada geração de empregos, principalmente nos anos 70, no auge do "milagre" brasileiro. Embora seja de fundamental importância o registro das relações sociais na construção da cidade, não se tem aqui, nessa introdução, a preocupação de discutir a questão. Contudo, no primeiro capítulo, serão apontados alguns momentos políticos e burocráticos de sua

⁴ Romance de Ignácio Piter, *A filha do carvoeiro*, 1958.

criação, planejada e traçada para suporte na expansão do capitalismo no Estado.

Ao estudar o fenômeno da democracia no Brasil, no período de 64 a 92, pude conhecer teorias que apostavam na apatia política dos cidadãos⁵, que delegavam aos técnicos e aos políticos profissionais as decisões concernentes à existência social e política da realidade quotidiana de uma cidade. Em minha experiência como assessora, Assessora Técnica dos Movimentos Políticos Coletivos - reivindicativos de melhorias urbanas em seus espaços coletivos, dentro da década de 70 e finais de 80, na cidade de Ipatinga - percebi atuações muito próximas do que Castoriadis chama de *Autonomia* (CASTORIADIS, 1975:129).

A proposta dessa dissertação é sistematizar as experiências dos moradores dessa cidade - são os olhares dos seus cidadãos-citadinos sobre ela.

Situada no Vale do Aço, uma microrregião mineira que se define pela produção, como o próprio nome indica, de aço, Ipatinga tem sido apresentada somente enquanto espaço de crescimento econômico. Uma imagem atrelada exclusivamente à

⁵ Autores como Oliveira Viana, vêem na heterogeneidade do povo brasileiro uma limitação e uma impossibilidade para a participação social e política popular nos destinos da sociedade. Heterogeneidade esta, com profundas conseqüências no plano da ação política, inexistindo, inclusive, "(...) *capacidade de luta cívica*." (VIANA) Amaral Azevedo, dentro da linha da heterogeneidade, aponta "(...) *ausência de energia das massas, (...) com ausência de homogeneidade étnica*." (AMARAL) Além da característica heterogênea, havia ainda segundo esses autores, uma ausência de tradição revolucionária e uma ignorância elementar das massas. Uma reflexão teórica, portanto, fora das camadas populares e de suas relações concretas e vividas.

presença da empresa USIMINAS, sendo desprezada a cotidianidade de seus habitantes. No entanto, isto não tem sido suficiente para retratar a existência política e social da categoria trabalho, ^{na qualidade de unidade} presente na memória de seus moradores, "(...) desde a época da produção do carvão para alimentar a produção da empresa de aços especiais." (PITER, 1958:38). A proposta é analisar as multifacetadas do cotidiano⁶ de seus moradores, desprezando a teoria da categoria sociológica trabalho como unidade de análise única, porém, abordando a experiência cotidiana desses moradores como recurso para reflexão sobre a idéia de cidade na memória dos cidadãos-cidadãos de Ipatinga.

Ipatinga, distrito distante das áreas urbanizadas, marcando àquela época, uma memória de exaustão nas viagens - pois as distâncias eram tão grandes que para ir do Rio de Janeiro até lá, gastavam-se vários dias: "(...) era muito distante senhor, fica bem no interior de Minas Gerais, próximo à cidade de Coronel Fabriciano." (PITER, 1958:49).

Duas Ipatingas. A primeira, criada a partir da chegada das empreiteiras para a construção da USIMINAS em 1958. A segunda, habitada por moradores críticos de uma "cidade imposta" (LE VEN, 1987:9), que buscaram construir uma cidade para todos.

⁶ Cotidiano, não no sentido da "(...) repetição, do sem-tom, mas enquanto projeto de construção do sonho que eles fizeram eclodir na sua realidade multifacetada." (ENRIQUEZ, 1984:15).

Acreditando que "(...) os anos *passam antes que apareça uma verdadeira cidade*" (RICHARD,1993:13), quero, nessas linhas, apontar a memória dos seus cidadãos-cidadãos sobre a cidade - como conseguiram conviver ao longo desses anos dentro das *duas Ipatingas* - principalmente, mostrando a participação desses moradores na sua construção. Como homens e mulheres, no mundo do trabalho, em suas ações cotidianas, guardam na memória a construção da verdadeira cidade.

É no exercício das práticas políticas e sociais dos seus habitantes que procurarei resgatar a construção de Ipatinga, ouvindo os registros de memória. São questões minhas: em que consistem estas práticas transformadoras? O que foi e o que é hoje a vida na cidade desses cidadãos? Quais os conceitos construídos no dia-a-dia da vida desses homens e dessas mulheres, na memória social, tanto quanto individual, "(...) *no que lembra e como lembra (...) num tempo que também é social, que repercute no jeito de lembrar.*" (BOSI, 1995).

Embora com preocupação também pelas publicações oficiais sobre a cidade, a História oficial, documentada, a versão do já feito e determinado - uma vez que Ipatinga foi criada "*a partir do nada*" (LE VEN, 1987) - fiz opção por privilegiar o resgate da memória de seus cidadãos, considerando que "*lembrar é fazer.*" (BOSI, 1995).

Para MAQUIAVEL (Apud Bignotto, 1991:81) "(...) as cidades que não nasceram livres, tentaram ao longo da história mudar a forma defeituosa de sua constituição, para se conquistar a liberdade".

Baseada na teoria acima, sobre a conquista da liberdade, pretendo recorrer à História como fonte mais segura para se conhecer a política, buscando percorrer os caminhos trilhados por aqueles que se propuseram construir, cotidianamente, a história de Ipatinga - resgatando na memória dos moradores seu processo de formação histórico.

Uma memória que, através do passado, "(...) traz consigo um índice misterioso que o impele à redenção, a uma situação vivida, e onde, nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (...) porque somente uma humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado."(BENJAMIN, 1985:223).

No intuito de construir essa memória, busquei "(...) recriar o calor de uma experiência coletiva, a partir das experiências vividas isoladas" (BENJAMIN, 1986:12), de acordo com as experiências dos moradores da cidade de Ipatinga. Tudo isso inseparável do sentimento do tempo, que nos impulsiona para um espaço de percepção e vivência - a história social de momentos, que "(...) se foram gravados individualmente dentro daquela memória que nos fala, foi

contudo vivida socialmente." (BOSI, 1996:45). Enfim, uma memória que confere sentido ao passado.

Tudo isso norteou esse estudo: através de memórias recolhidas, tendo como fonte metodológica a História Oral - busquei entrevistar os cidadãos de Ipatinga, cujos personagens afirmam-se como sujeito coletivo, "(...) no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nestas lutas." (SADER, 1991:55).

Quais foram essas lutas e como se organizaram "(...) esses novos personagens da história" (SADER, 1991:80), dentro da cidade de Ipatinga, é o que pretendo apontar nesse estudo.

Segundo diversos autores, estudiosos da História Oral, seu uso é tão antigo quanto a própria História. Já para Michelet, autor de *História da Revolução Francesa - 1847-53*, "(...) a intenção era contrabalançar a evidência dos documentos oficiais com o julgamento político da tradição oral popular". (Thompson, 1992:45).

Daí, a importância desse recurso àquela época. Isto era motivo de interesse constante para Michelet: "(...) quando digo tradição oral, estou falando da tradição nacional, aquela que permaneceu espalhada de modo geral na boca do povo, que todos diziam e repetiam, camponeses, gente

da cidade, velhos, mulheres, até mesmo crianças." (MICHELET, Apud Thompson, 1992:45).

Quero deixar registrado que existem controvérsias acerca da posição científica e metodológica da História Oral.

Nos Estados Unidos dos anos 50, surgiu a primeira geração de Historiadores Oraís. Contudo, ali, esta técnica foi utilizada apenas para registro dos notáveis. No México, fez-se uso para registro das recordações dos chefes da Revolução Mexicana.

Também na Itália, os sociólogos e antropólogos do Instituto Nacional de Antropologia lançaram mão da pesquisa oral para reconstituir a Cultura Popular (diferente do que aconteceu nos Estados Unidos). Na Itália, os pesquisadores usam de uma metodologia, de "(...) uma outra história que registra a fala dos povos sem história, que dá voz às minorias, operários, negros." (THOMPSON, 1992:47).

Em *Usos e Abusos da História Oral*, JOUTART (1996:46), aponta o ano de 1975 como um marco no avanço da História Oral, já então abordada por historiadores profissionais, incluindo a América Latina.

Em Costa Rica, ^{América Central e Caribe} um concurso de autobiografias de camponeses (1976 a 1978) promovido pela Escola de Planejamento e Promoção Social da Universidade Nacional, estreou a metodologia da História Oral. Equador, Bolívia e

Nicarágua também apresentaram inovações. Na Argentina, os projetos orais foram surgindo após o restabelecimento da democracia em 1983.

No Brasil, a Fundação Getúlio Vargas criou o primeiro programa de História Oral, o Centro de Pesquisa e Documentação-CPDOC, que propunha pesquisar as grandes transformações da década de 1930: "(...) o primeiro programa de história oral destinado a colher depoimentos de líderes políticos desde 1920" (JOUTART, 1996:47), marcando o início da História Oral no Brasil.

Em Minas, a Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, através do Centro de Estudos Mineiros, mantém pesquisas utilizando a metodologia da História Oral, com trabalhos datados desde 1990, sob o nome de *Minas Gerais: Política e Sociedade Através da História Oral - 1935-1964*. (LE VEN, 1996:1).

Fundamentada nessa orientação de metodologia oral, acima exposta, recolhi falas que se referiam aos olhares de moradores de Ipatinga sobre suas experiências vividas, porque "(..) ver, tornar visível, é uma forma de apropriação. O que o olhar abarca, é o que se torna ao alcance das mãos. O visível (o descoberto) é o preâmbulo do legível: conhecido, relatado, codificado." (ORLANDI,1990: 13).

(1)
Entre os moradores entrevistados, podemos ver ex-operários da USIMINAS, mulheres, militantes de movimentos de partidos políticos de esquerda, padres - alguns enquanto moradores mais antigos - com experiências coletivas dentro da vida da cidade. Não experiências quaisquer, mas aquelas que lhes trouxeram sentido político ao cotidiano. Percebe-se a memória que "(...) organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente" (BOSI, 1994:89), o nos traz o lembrar da vida da cidade de Ipatinga nos seus trinta e cinco anos.

Uma memória "(...) que permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações, cuja função é o conhecimento do passado". (BOSI, 1984:89).

(1)
Os entrevistados falaram de suas experiências individuais - ao mesmo tempo sociais, culturais e afetivas - de suas vidas na cidade. Aos moradores, participantes das entrevistas, era explicada a intenção de registrar a história política e social de Ipatinga, relembando no presente o momento do passado. História contada pelos seus próprios cidadãos, confirmando-se a hipótese de que essa memória do fazer não existiria se eles não a tivessem construído.

(1)
A proposta das entrevistas foi o lembrar da experiência dos moradores na vida da cidade e, por essa experiência o sentido registrado em suas memórias. Por isto, alguns

acontecimentos serão abordados de maneiras diferentes por cada um, diversos entrevistados, conforme os lugares onde esses cidadãos viveram seu cotidiano - como o lembram - não para checar a veracidade de um ou outro depoimento, mas para lançar olhares ao passado, dentro da experiência vivida de cada um, na especificidade única de seu lembrar.

Enfim, aqui entendo a história no sentido, não apenas oficial do já publicado, mas também, no sentido de registrar o ainda não dito, perseguindo o que realmente é importante no *mundo vivido*: seus atores sociais, pequenos e grandes homens que se abrem e se desabrocham, (...) nos permitindo tocar no antes indizível." (QUEIROZ, 1987).

Memória política e social. Entendendo como política a ação transformadora, criativa, onde criação define-se como "(...) capacidade de fazer surgir o que não estava dado e que não pode ser derivado a partir daquilo que já era dado" (CASTORIADIS, 1992:89); o movimento de criação na construção da cidade de Ipatinga pelos seus cidadãos-citadinos.

Esse é o conteúdo dessa tese.

Delineeii três períodos cronológicos nesse estudo. No primeiro capítulo, aponto a criação de Ipatinga, já dividida em duas cidades: "(...) a deles e a nossa." (Dona Ione, entrevista para a história da cidade), seu ordenamento urbano e espacial. Dentro disso o registro do olhar do

poder⁷ na criação de Ipatinga. Esse capítulo define-se pelo período relativo aos anos de 1958 até 1962.

A cidade da ordem: o sistema organizando-se. A memória do massacre dos operários em 1963: aqui surge o segundo capítulo. A cidade e seu silêncio - de 1963 a 1969.

No terceiro capítulo, a cidade crítica: os olhares dos moradores na construção e ressurgimento da cidade. A paixão e os movimentos por uma Ipatinga de todos - de 1970 a 1984.

Como parte conclusiva desse estudo, temos o quarto capítulo: o olhar da cidade sobre a nova vida dos seus cidadãos-citadinos. Nele, existe o lembrar da construção desse espaço "(...) que foi constituindo-se através de caminhos difíceis" (BIGNOTTO, 1991:80), até uma verdadeira cidade. Refiro-me então, ao período de 1984 a 1992 - capítulo final.

No primeiro capítulo, quero registrar três momentos da criação da cidade: a disputa entre os políticos mineiros por Ipatinga, a definição do local para construção da usina e a distribuição do espaço urbano dentro dos propósitos de construção de uma cidade segregadora. Vou apontar as falas através da memória dos empresários responsáveis pela criação da cidade, contrapondo-as aos seus mais antigos moradores⁸.

⁷ As entrevistas dos empresários, exceto Dr. Homero Schettino, fazem parte de uma pesquisa da Fundação João Pinheiro, *USIMINAS 25 anos de História, 1987*.

⁸ Os moradores entrevistados possuíam, além das experiências política e social na vida coletiva da cidade, moradia permanentes - alguns desde sua criação.

No segundo capítulo vou considerar o sistema organizando-se e a repressão da empresa aos operários da cidade: o massacre de Ipatinga - talvez o maior massacre de operários na história do país - ocasionando a morte de quase 100 operários nas portas da fábrica, em 63. Este será o assunto do segundo capítulo.

Se em 1958 a cidade de Ipatinga "foi dividida ao meio, por uma extensa cerca de 12 fios de arame farpado, e só deixaram uma passagem da largura de um caminhão por onde passavam os habitantes naturais de Ipatinga" (Revista *Ipatinga*- Ano 20 1984:5) - agora esses moradores segregados, constituíram-se como sujeitos da própria história. E a partir de ações políticas próprias, entremeadas com "(...) horas mortas e dias vazios" (Halbwachs, 1956:93) uma outra cidade construíram. A memória de seus cidadãos registra, no lembrar e no fazer, a história da ação política transformadora de todos ali ^{que a construíram.}. Este será o terceiro capítulo.

E, finalmente, será retratada a ruptura⁹ dos seus cidadãos com a cidade imposta: a resposta dos moradores da cidade à política repressora até então desenhada conforme o mando e interesse do poder econômico e político local; bem

⁹ O sentido de ruptura na história da cidade tem no ano de 1985 - a formação da chapa Ferramenta e sua derrota - um marco que deixa os cidadãos de Ipatinga intrigados, tocados e alterados. A partir de então, a cidade receberá uma marca definitiva. Não porque seus cidadãos queiram esquecer, fazer um corte no lembrar da sua existência anterior, mas porque doravante, uma nova energia social mobilizará seus moradores, pondo-os de prontidão na construção de uma verdadeira cidade, prontos para inaugurarem a "transformação do fato urbano em cidade." (CERTAUX, *Caminhando pela cidade*, 1990).

como a resistência aos arranjos da lei do silêncio. Seus cidadãos-citadinos constroem acordes próprios - solfejando nos ouvidos alheios a melodia característica dos vencedores - em uma sinuosa resistência ao já feito, ao já calculado, desde a criação artificial da cidade.

A riqueza de se registrar a memória do trabalho em todos os recortes do cotidiano dos moradores em Ipatinga, dá-se a partir do conhecimento das dimensões inseparáveis - interligadas entre o cotidiano e o desejo de liberdade. Uma liberdade contudo que se constrói por traçados próprios.

Ipatinga foi uma cidade criada para o trabalho. Uma cidade imposta pelo capital para a empresa e pela empresa. Foi, também, alvo das maiores atrocidades e repressões à classe trabalhadora: em 7 de outubro de 1963, dezenas de mortos caíram sob a violência sangrenta da classe dominante. Cercados por todos os lados por um projeto de expansão econômica, seus moradores souberam construir uma cidade além dos projetos da empresa. Transformaram, política e socialmente, aquele projeto e mostraram uma cidade relativamente independente. A história do cotidiano desses moradores, das suas ações políticas transformadoras não poderia deixar de ser registrada, conhecida e divulgada através dos tempos e pelos seus próprios atores sociais, apontando a memória viva da cidade. Busquei assim, atingir a "(...) coletividade que o entrevistado faz parte" (QUEIROZ,

1997:277): a história política e social da resistência em Ipatinga.

Tudo isso construído dentro de um processo criativo na vida política coletiva dos seus moradores: como se fizeram - cidadãos-citadinos.

Dessa maneira, escolhi trabalhar a dissertação *Viver em Ipatinga: Olhares de cidadãos se fazendo na cidade pensando em uma história que não é a história oficial, mas a história do que fica na memória dos seus moradores. Uma memória que "(...) não é sonho, mas trabalho."* (Bosi, 1995:55).

Percebe-se nos entrevistados uma sensação permanente de busca de fragmentos de memória, coisas que são apontadas com emoção, como por exemplo: *"(...) isto está me fazendo lembrar de muita coisa...coisas que eu nem me lembrava mais."* (Dona Ione, entrevista para a história da cidade). O fazer/lembrar indica uma percepção de quem está construindo a história - são eles, os entrevistados. Um lembrar infinito, presente, regado de recordações pessoais e coletivas: cheio de emoção.

Reconheço a tarefa de organizar as entrevistas, arquitetando pontuações, reflexões - como atividade de transcrição - como algo extremamente delicado.

Baseei-me em autores cujos estudos primam pela memória dos homens e mulheres, suas ações políticas coletivas, cotidianas. Autores como Walter Benjamin, Halbwachs, Bosi,

Thompson, Magda Neves, Marieta Soares, Le Ven deixaram-me embeber suas obras - o quê, evidentemente, sustentou minha escolha final pelo recurso da História Oral.

O olhar
OS OLHOS DO PODER: E assim foi feito

"...Sabia-se que ali seria construída uma grande usina de aço. Em 25 de abril de 1956 foi fundada a USIMINAS, e o povo percebia que aquilo seria o futuro do local. A partir daí a história de Ipatinga começa a dar passos largos, mas divide a comunidade local: a população antiga e os trabalhadores de fora."

(Revista Ipatinga Ano-20, 1984).

Ipatinga foi ~~cidade~~ construída como se constrói uma empresa - a empresa para si mesma e não para a cidade ou para os cidadãos. A USIMINAS, responsável pelo projeto da cidade imposta, teve como representantes os empresários envolvidos na sua estruturação. Nesse capítulo, quero apresentar os recursos utilizados por ela para montar o cenário da representação de suas ações.

Contraopondo-se a esse fato, existe a memória dos mais antigos cidadãos: Seu Jujuca, 93 anos, morador desde 1956; dona Ione Tofanelli, moradora desde 1961; Seu Elmo, aposentado, ex-trabalhador da USIMINAS. Esses olhares estarão voltados para a cidade, através da memória do fazer.

1 - A cidade - definindo o local da usina

Definir o local da instalação da USIMINAS foi uma das mais importantes pautas nos meios políticos e na Assembléia Legislativa de Minas Gerais:

"(...) o Vale do Rio Doce, que já possui a Belgo Mineira, de Monlevade, padrão de nossas indústrias, que já possui a ACESITA, orgulho da

capacidade dos brasileiros, terá com a USIMINAS complementado o seu círculo siderúrgico, formando assim o Vale da Redenção Nacional; no Vale do Rio Doce".

(Lucas Lopes, Revista João Pinheiro)

Ipatinga foi o espaço escolhido para expansão industrial dentro de um plano de crescimento econômico do país: os "Cinquenta Anos em Cinco", do então presidente mineiro, Juscelino Kubitschek. Os esforços na busca do progresso pela industrialização. O grande desafio dos empresários - fazer de Ipatinga a cidade-sede do maior parque de indústria siderúrgica da América Latina.

Previamente concebida como planejada para a produção do aço, seus empresários têm olhares voltados para as necessidades da "(...) **gente nossa** (grifo meu) que viria a necessitar usar as coisas da cidade." (Luiz Verano, Revista João Pinheiro).

Uma cidade traçada para acolher novos rumos econômicos e para segregar seus moradores. A cidade então é criada:

"(...) a cidade foi o seguinte: eu não chamei ninguém para um concurso. Telefonei para um arquiteto chamado Rafael Hardy e disse: 'nós vamos construir uma cidade;

o que você dispõe é esse projeto aqui e esta área'...então, larguei o moço lá. **E assim foi feito.**"

(grifo meu).

(Luiz Verano, Revista João Pinheiro)

Em qualquer documento referente à memória de Ipatinga, não há como desprezar o aspecto da implantação da USIMINAS, e, conseqüentemente, seu planejamento enquanto cidade criada para a empresa.

A abertura do país ao capitalismo internacional e a criação da indústria automobilística eram prioridades naquele governo. A modernização do país representava um deslanche para o desenvolvimento; a aceleração frenética dos ritmos de produção - aquecer a economia, expandir. Dentro dessa busca desenfreada pela atualização, Ipatinga apresenta-se como um audacioso projeto daquele momento econômico nacional, um arranjo oportuno para os políticos mineiros que há tempos olhavam, invejosamente, as siderúrgicas já implantadas no país. Naturalmente, a elite política da região do Vale do Rio Doce também não ficaria indiferente aos propósitos dos políticos mineiros que incluíam a intercessão política de um homem público em posição máxima de poder naquele momento.

Empreendimento, à época, revelador da conivência do presidente da República, a construção da USIMINAS suscitara

comentários, interferências. Se era o grande interesse dos mineiros, foi também um grande marco da arrancada modernizante de Minas Gerais.

A escolha por Ipatinga foi objeto de discussões acirradas entre os políticos mineiros. Podem-se incluir aqui os argumentos de importância e prioridade à cidade. Acredito ser possível perceber nessas falas, que espécie de "autoridade" possuíam esses políticos que legitimasse a cidade como o local ideal para a implantação da USIMINAS.

Não satisfaz conhecer os arranjos políticos que definiram Ipatinga para acolher a usina. Tais arranjos, lugar comum na política mineira, sustentaram essa definição. No entanto, justificativas de aspecto geográfico foram relevantes e consideradas também como aspectos preponderantes:

"(...) naquele momento se pensava que, quanto mais perto da ACESITA¹⁰, melhor seria a localização, porque a ACESITA poderia colaborar na implantação e operação da usina....mas deve ter havido uma decisão mais concreta do próprio grupo japonês, porque as condições do terreno em Ipatinga facilitaram demais as instalações."

¹⁰ACESITA - Aços Especiais Itabira S/A.

(Maurício de Mello, Revista *USIMINAS* 25 anos de História - Fundação João Pinheiro).

"(...) a decisão de instalar a *USIMINAS* em Ipatinga foi tomada pelos japoneses com o nosso acordo, basicamente, pelo reconhecimento de que existia uma excelente via de transporte para a exportação de produtos e a importação de carvão. Seria uma disputa entre mineiros e paulistas, pois a luta, acirrada, de decisão do local da construção da *USIMINAS*, naquele momento a política não estava para café com leite, mas 'de quem pode', e Minas tinha um político no mais alto comando do país, seu presidente. Ficou para Minas o ganho político e econômico, contudo, Minas lutou para ter prioridade, e, se não tivesse lutado, teria perdido. Se Minas não tivesse naquele momento um Presidente da República mineiro.."

(Lucas Lopes, Revista João Pinheiro).

A chegada dos canteiros de obras não alterou as condições de Ipatinga. Ainda em 1959, após movimentos nesses mesmos canteiros, e um ano de presença em massa dos operários nas obras, a água ainda era comprada em carroças

e "(...) comumente corpos humanos eram encontrados no meio do mato." (Revista Ipatinga Ano-20, Abril de 1984).

Em contraposição, "(...) a USIMINAS possuía seu sistema próprio de energia, abastecia suas necessidades internas e servia aos diversos bairros que ela mesma construiu para abrigar seus milhares de funcionários." (Revista Ipatinga Ano-20, Abril de 1984).

Para Dona Ione Ipatinga era uma cidade de empreiteiras: "(...) o que tínhamos aqui era uma população flutuante, com um canteiro de obras fabuloso." (Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

De onde vinham esses trabalhadores e onde estariam os operários da construção da USIMINAS nesse momento de criação da *Ipatinga do capital*, do lucro e das relações coordenadas por mandos intransponíveis, pelo menos, aparentemente?

Os operários não especializados, recrutados em todo país, vinham de todas as partes do Brasil.

"(...) para recrutar tanto empreiteiras como operários, a USIMINAS oferecia ganhos acima do mercado, com critérios de seleção. A empreiteira, contudo, não selecionava. Ela trazia os trabalhadores para aqui e oferecia mundos e fundos, e quando o nego chegava aqui, os trabalhadores tinham que se submeter às condições

reais de trabalho que então as empreiteiras de fato ofereciam. Condições de moradia...eram alojamentos num bairro chamado Candangolândia, eram lugares próprios para candangos¹¹, moradias subumanas, sem nenhum conforto...até o pessoal perceber que foram vítimas de promessas não cumpridas."

(Seu Elmo entrevista para a história da cidade).

A submissão à necessidade do emprego, do ganho para o sustento familiar pareceu ser o fator explicativo para a distância entre a coragem para exigir melhores condições de trabalho e a necessidade de sobrevivência "(...) na verdade não precisavam muito de ameaças." (Seu Elmo, Op. Cit.).

Uma necessidade de sobrevivência sombreada pelas condições climáticas, que favoreciam a presença de doenças "(...) quando lá chegamos, a incidência de malária era um caso por dia." (Dr. Luiz Verano, Revista João Pinheiro).

Desde o tempo das carvoarias a situação endêmica da malária já era preocupante enquanto empecilho para a acelerada produção:

"(...) por que ficou o Rio Doce este vazio demográfico? Eu tenho uma explicação pessoal. É, nunca

¹¹ Candangos - designação dada aos operários das grandes obras de construção de Brasília -DF; de ordinários vindos do nordeste, ou qualquer dos primeiros habitantes de Brasília. (AURÉLIO:

ninguém me falou isto. É o seguinte...a malária...Ipatinga não era uma cidade, era apenas uma estação. Ipatinga não era uma cidade...era apenas uma estação. Como eu disse, atacada pela...pelo mosquito da malária, o 'anafelino', e que era limitação de vida humana lá...era uma coisa muito séria. Mas nesta ocasião já havia um movimento muito grande em Ipatinga de carvoeiros."

(Dr. Homero, entrevista para a história da cidade).

A dificuldade climática, que pouco alterou-se com o tempo, não impedia o trabalho de construção da cidade. A memória do trabalho na construção da usina é motivo de orgulho no lembrar do proprietário de uma das maiores empreiteiras à época dos canteiros de obras - a CONVAP.

"...**Nós** (grifo meu) montamos chapas finas e chapas a quente...e trabalhamos muito na infra-estrutura. Fizemos um canal que atravessa toda a usina, oito quilômetros de canal, subterrâneo, até chegar no Rio Piracicaba, foi obra nossa também. Gasômetro... enorme...e afinal, na parte civil mesmo, segundo o pessoal da USIMINAS **nós** (grifo meu) fizemos cerca de 38%, de toda a USIMINAS."

(Dr. Homero, engenheiro proprietário da CONVAP, entrevista para a história da cidade).

2 - O olhar vigilante da empresa

Em oposição à memória dos empresários, os mais antigos moradores de Ipatinga apontando-nos uma árida e vigilante cidade recebendo seus operários.

Seu Jujuca, primeiro morador a instalar-se por conta própria, produzindo vasilhames de "latacho"¹². Hoje com 93 anos, mudou-se para Ipatinga em 1956 com seus treze filhos. Fiel servidor de Cristo pela SSVP-Sociedade São Vicente de Paula, participou de toda história da construção da igreja - desde o levantamento da primeira capela. Vivenciando o ir e vir dos padres na cidade; a mudança de padroeiros. Veio da cidade de Ferros para Ipatinga, para quem o "(...) sete de setembro era muito bom, uma beleza." (Seu Jujuca, entrevista para a história da cidade). Sempre encantava-se com os comícios de palanque da época.

Dona Ione Moraes Tofanelli, esposa de um ex-funcionário da USIMINAS, tem estado junto aos moradores na luta para a construção de "uma verdadeira cidade." (Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

Seu Elmo, ex-funcionário da USIMINAS aposentado, trabalhou na área administrativo^(A)financeira, e, junto aos canteiros de obra da USIMINAS, tinha uma das piores funções: a de auditor. Responsável pelo pagamento semanal às empreiteiras, aponta, com indignação: "(...) elas ganhavam 30% a 40% da folha de pagamento." (Seu Elmo, entrevista para a história da cidade).

O casal formado por Dona Ione e Seu Elmo, ambos provenientes de Nova Lima-MG, teve seis filhos e um projeto: "(...) vencer na USIMINAS como certamente era vencer em qualquer outra empresa." (Seu Elmo).

Os olhares dos primeiros moradores da cidade, através do lembrar, pelas falas, no fundo inseparável da memória, tornam possível a reversão do tempo. E então, falam-nos do imaginário:

"(...) imaginávamos que Ipatinga fosse uma cidade... achávamos que a gente ia viver num bom lugar...sabíamos que a cidade estava se iniciando, mas não esperávamos que fosse tão ruim. E quando entramos dentro de Ipatinga, quando viramos a última curva, vi que só havia canteiros de obras...o que tínhamos aqui era uma população flutuante; um canteiro de obras

¹² latacho: vendedor ambulante de fazendas e objetos de amarelo, (Aurélio: 350); seu Jujuca produzia e vendia vasilhames de cobre. → JK para a Rdguia 30

fabuloso...lembro-me até das empreiteiras que estiveram presentes aqui...e, naquela época eu acho que já exercitava o 'fascínio' pelas questões sociais da cidade."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade)

Havia contudo, uma recordação de alegria e dor, de percepção da distribuição desigual do espaço urbano. É a partir desse fascínio que Dona Ione vai revelar-nos sua idéia de direitos de cidadania, do respeito a melhores condições de trabalho, de moradia. É quando ela nos fala do planejamento técnico-urbano da cidade:

"(...) Havia um planejamento de distribuição de moradia: apartamento, uma casa; a escolha ficava por conta do empregado da usina. Para nós aquilo foi muito bom, moradia, bom salário...foi interessante porque nunca tinha visto... tanto... dinheiro; mas sabíamos e nos preocupava a situação dos piões das empreiteiras... éramos solidários!..."

(Dona Ione, entrevista para história da cidade).

A preocupação de Dona Ione, tanto com a qualidade do ar que se respirava dentro de uma cidade metalúrgica, como

também com a idéia de dignidade enquanto morador, passava pelo sentido de cidadania:

"(...) a cidade foi um projeto errado, porque eles queriam proteger seus funcionários da poluição da usina, mas nós, (grifo meu) da empresa é que comíamos toda aquela poeira...dizem que a empresa seria construída nos moldes da Inglaterra, condados; a cidade não teria prefeitura, ela seria um condado da USIMINAS. Ipatinga não era uma cidade, um espaço onde o povo vive, sonha com o crescimento, não só de sua cidade, mas dele em primeiro lugar. E a cidade era a USIMINAS e nós não tínhamos cidade; nós tínhamos como referência de endereço a empresa, não a cidade."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

Vejamos o que significa para Seu Jujuca, que deixa fluir de sua memória, unindo o começo ao fim, os primeiros momentos do distrito. Este último, envolvido com seus trabalhadores imbuídos da necessidade de construir, num tempo recorde, a usina em condições de trabalho quase inexistentes:

"(...) tudo aqui era difícil, até a água. Aqui buscava-se água na carroça, pagava-se dez cruzeiros por uma

carroça d'água. Existia uma população muito pequena, não tinha mil pessoas, tudo que se fazia, vendia por qualquer preço, o povo não reclamava. Ainda tenho minha oficina...a avenida era a do Comércio, as ruas eram puro barro, cheias de mato...casa mesmo não havia nenhuma, só uns dezoito barracos."

(Seu Jujuca, entrevista para a história da cidade).

Monumento da cidade, Seu Jujuca vivenciou muito de perto a instalação da Igreja Católica no distrito. Para ele, ter energia elétrica era um privilégio. Ter uma cidade era motivo de orgulho e competição política. Para ele, os serviços básicos de saneamento eram privilégios e os burocratas não tinham cérebro:

"(...) eu fui ao doutor Gil e ele de imediato mandou luz para a Igreja. O doutor Gil me disse que a igreja teria luz, mas eu que morava ao lado da igreja não teria luz. A igreja era um órgão. Fiz tudo, mas eu não tinha luz, era por causa dos ciúmes, porque todo mundo ia querer, e a luz era da usina, um privilégio...a USIMINAS nos ajudou muito...a gente tinha muito conhecimento. Eles não vinham a nossa Igreja, nós íamos até eles...o povo de Fabriciano não

queria que Ipatinga passasse a cidade...dava guerra meu Deus!...Aqui reunia uma turma, dezesseis pessoas ou mais, iam a Belo Horizonte. Doutor Magalhães Pinto comentou: 'deixa de ser bobo uai.. Ipatinga vai ser a maior cidade do Vale do Aço'. Todo mundo ficava radiante...até que a emancipação de Ipatinga saiu em 28 de abril, só que eles comemoram no dia vinte e nove, porque o cérebro deles não funciona...a Praça Primeiro de Maio foi onde foi celebrada a primeira missa depois que Ipatinga tornou-se cidade, no dia primeiro de maio, dia do trabalhador...a estação ferroviária aqui era no centro...a construção da igreja, que era ao lado da minha casa, foi uma luta...a USIMINAS ajudou muito na construção dessa igreja. E foi o doutor Gil, que de graça deu a luz para a igreja...a gente tinha muita influência pela idade...tinha a influência do saber."

(Seu Jujuca, entrevista para a história da cidade)

O lembrar e o olhar sábios do seu Jujuca; o olhar apaixonado de Dona Ione; enquanto Seu Elmo olha uma cidade que traria sustento para sua família.

Para a memória do Seu Jujuca, um senhor de 93 anos, trabalhando por conta própria, como latacho a cidade é vista como algo que lhe trouxe uma USIMINAS cooperadora - que doou

a areia para a construção da igreja da cidade: "(...) cedeu para a igreja Cristo Rei...a igreja era um órgão diferente...e a luz era da usina, um privilégio." (Seu Jujuca, entrevista para a história da cidade).

O trabalho dele foi muito bem aceito na cidade, pois tudo que produzia vendia: "(...) aqui eles pagavam o dobro do preço do que em Ferros, e eu não dava conta dos pedidos." (Seu Jujuca).

Na memória de Dona Ione a cidade também foi pródiga ao permitir criar sua família de seis filhos, com certo conforto. No entanto, ela define Ipatinga não como uma cidade ainda, pois as condições de trabalho dos operários nas empreiteiras a serviço da USIMINAS eram subumanas. Diante de seu olhar há inclusive o registro de duas cidades, uma dos funcionários da USIMINAS: "nossa cidade"; e a outra: a "deles", dos "piões." (Dona Ione).

Se para seu Jujuca, a cidade era benevolente com produtos que produzia e vendia - permitindo saída rápida, com preços salgados, Dona Ione percebe a dificuldade dos trabalhadores em se manterem. Eram condições desconfortáveis e precárias para a sobrevivência do trabalhador e de sua família.

Para esses moradores, há mais de trinta anos em Ipatinga, às vezes, tanto tempo quanto o de trabalho na USIMINAS, a cidade ameaçava com serviços de vigilância:

dentro da própria empresa e fora dela também - de maneira acirrada. Os trabalhadores das empreiteiras:

"(...) nem precisavam de tanta vigilância porque não tinham condições de voltar para casa...os camaradas vinham para cá com a certeza de só ser bem pago: 'vamos morar mal, comer mal, mas vamos ganhar bastante dinheiro'...acreditando nas promessas das empreiteiras. Na verdade isto não acontecia. Prometiam também pagamento em dia, mas quantas vezes a gente foi surpreendido com queixas dos operários de pagamentos atrasados...era confusão...quebradeira; greve não, porque naquela época não tinha greve (1961). Havia até alguns elementos que eram bem remunerados, os mestres, os encarregados...eles ajudavam as empreiteiras a **administrar** (grifo meu) os trabalhadores. Inclusive...eram homens corajosos que sabiam ameaçar os trabalhadores...na verdade não precisavam muito de ameaças...porque o pouco que ganhavam era para o sustento da família...e não tinham condições de voltar para sua terra."

(Seu Elmo, entrevista para a história da cidade).

Olhar e memória unem-se para rever todo o passado em um presente imediato. Há, no olhar de Seu Elmo, o lembrar das condições precárias e subumanas dos operários das empreiteiras, enquanto para Seu Jujuca, as condições particulares eram boas, definindo Ipatinga como a cidade boa, que lhe deu sorte, porque ali criou seus filhos. Estes, hoje, ali trabalham e se sustentam.

Mas, Dona Ione, vê uma Ipatinga injusta com os operários:

"(...) Ipatinga não era uma cidade...não havia transportes, não havia escolas...e aqui eu faço uma avaliação...porque eu acho que quando uma empresa quer criar sua produção, ela tinha que estar pensando no operário...e ela não pensava...não havia nada."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

Mesmo assim, a idéia de uma cidade nova, moderna, planejada para produzir lucros em toneladas de aço, consegue, temporariamente mascarar os conflitos sociais latentes dentro dela. O olhar zeloso do morador atento e experiente, mostra-nos um passado revivido, onde *"(...)o conhecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois"* (PROUST, Apud Benjamin:37); é a memória coletiva, que *"(...) recompõe*

magicamente o passado." (HALBWACHS, 1990:15). Assim, as relações de trabalho, as relações sociais, são relatadas com olhares distintos, mas atentos à experiência vivida.

Essas mesmas relações de trabalho para o Seu Elmo eram de desrespeito ao que era proposto pelas empreiteiras, e submissão dos trabalhadores ao que lhes era imposto, porque "(...) não tinham condições de voltar para sua terra."

Esse olhar lembra também as injustas defasagens salariais entre funcionários da USIMINAS e encarregados das empreiteiras que tinham como **importante** (grifo meu) função "(...) tomar conta dos piões...a USIMINAS investia em melhores salários nos encarregados das empreiteiras, porque eram os chefes de seção das empreiteiras que ganhavam mais que nós da USIMINAS."

Para Dona Ione também as relações sociais entre capital e trabalho eram incômodas porque "...os da cidade de lá não tinham qualidade de vida em nenhum sentido...eram só braços...e minha caminhada se deu fora dessa cidade... sofrimentos, carências."

Os olhares sobre o trabalho de Seu Jujuca são revestidos por ares de liberdade, de altivez, de vencedor dentro das falas de quem lembra e de quem viveu: "...sempre trabalhei por conta própria, nunca fui empregado."

Para Seu Elmo são olhares, de impotência, regados de sofrimentos intensos:

"(...) porque qualquer deslize...e o emprego ia embora...eu não participava da vida do trabalhador...só comecei a participar após o Massacre de Ipatinga¹³...em 1963...para mim, historicamente, o massacre foi um divisor de águas...antes e depois...eu mudei...comecei a questionar a relação da USIMINAS com as empreiteiras, com os trabalhadores." (Seu Elmo, entrevista para a história da cidade).

Mesmo experimentando novas visões sobre as relações de dominação no seu espaço de trabalho, Seu Elmo continuou informando-se sobre os acontecimentos no espaço da vida operária:

"(...) só eu sabia a dificuldade, a quantidade de vezes que **aquele trem** (grifo meu) apavorava a gente...a empresa cerceando a participação...do outro lado a necessidade de participação onde algo será construído...como balizar estes conflitos?"
(Seu Elmo, entrevista para a história da cidade).

¹³ Referência ao Massacre de 63: onde dezenas de trabalhadores foram mortos em frente aos portões da USIMINAS; assunto do capítulo II.

Seu Elmo tentou caminhar no sentido da participação:

"(...) Eu fazia campanha. Era momento de eleição do nosso sindicato...juntos, meus colegas e eu na campanha...eu corria risco por levantar a mão ao aprovar propostas contrárias, naturalmente, à proposta da apoiada pela empresa. Dentro da empresa eu não podia fazer política...eu receava advertências do meu chefe, educadamente, mas recebia...ele era um chefe muito compreensivo, ele me chamava e dizia: 'eu gostaria que você tomasse mais cuidado, eu concordo com o seu trabalho, mas se a chefia souber eu não poderei fazer outra coisa...vou ter que mandar você embora'. Ele nunca chegou a tomar nenhuma atitude comigo, eu cheguei até a merecer...ele continua até hoje na empresa."

(Seu Elmo, entrevista para a história da cidade).

Mas Dona Ione conseguiu:

"(...) eu já havia trabalhado como professora de escola rural e ficava inconformada com as condições de trabalho e a pobreza do povo aqui... a USIMINAS ficava macha comigo quando eu ia para as reuniões com os

operários da construção civil...havia um guarda em cada porta da sala de reuniões para ouvir o que a gente falava...e eu ali. Foram muitos sofrimentos, muitas dificuldades...nasci da coragem."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

Olhares e memória diferentes sobre a cidade. Para Dona Ione a cidade era o espaço de construção de uma vida mais igual entre os homens, alvo de ações políticas transformadoras, onde os atores sociais deveriam buscar a construção da cidade:

"(...) a cidade era a USIMINAS. Nós não tínhamos cidade...sempre existiu o outro lado da cidade, o da pobreza, o da miséria, da piãozada...e eu vivia com eles do outro lado tentando construir a cidade deles."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

Seu Jujuca também lembra da sua participação na vida de Ipatinga. Recorda ter participado, com orgulho: *"(...) construimos uma capelinha para nosso Santo Afonso, e ao lado uma casa para o padre...era ao lado da minha casa."*

Participou até com idéias: "(...) aquele bloquete¹⁴ lá da subida daquela rua!...Foi idéia minha."

Se as relações cotidianas com a vida da cidade são diferentes, o desejo, a paixão pela transformação também não são iguais. Enquanto Dona Ione sentia fascínio em se envolver e discutir as questões políticas e sociais da cidade, Seu Jujuca julgava-se com pouca ou nenhuma habilidade para administrar tudo isso:

"(...) eu não tinha preparo para ser prefeito... se bem que esses aí não adianta muito ter, porque eles não sabem tratar as pessoas. Eles não têm senhoria com ninguém...eu sou uma pessoa que tem uma moral, eu tenho certo dom de dignidade, eu tenho respeito."

(Seu Jujuca, entrevista para a história da cidade).

A memória de Seu Jujuca aponta numa direção de rejeição aos arranjos políticos no contexto da eleição, porque após o momento concreto da época eleitoral: "(...) já estavam onde queriam chegar e não precisavam mais de agradar os eleitores...nunca iam a nenhuma reunião dos movimentos da Igreja."

¹⁴ O entrevistado refere-se a um calçamento antigo cuja pavimentação havia sido sugerida por ele.

Dona Ione percebe-se forte e ao mesmo tempo vigiada e odiada pela empresa:

"...ela ficava era muito macha comigo...era ditadura...nasci na coragem...ja fiz muita reunião nas favelas sentada com os maconheiros puxando fumo, e você lembra disso, você estava comigo (referindo-se à entrevistadora)."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).
Para ela, Dona Ione, militante cotidiana da transformação social e política de Ipatinga sua **coragem**¹⁵ (grifo meu) chegava ao risco da própria vida: "(...) se eu não morri naquela época eu não morro hoje não...porque...hoje sou muito pública."

Conflito ao aproximar da cidade de todos. Desejo e medo de viver a vida da cidade. Tudo isso atormentava Seu Elmo:

"(...) aquele **trem** (grifo meu) apavorava a gente...como balizar este conflito?...É a grande diferença entre mim e a minha esposa...o grande lance, a grande diferença da militância dela e a minha. O privilégio da militância - dela, (da esposa), era que eu tinha pavor de perder

¹⁵ **Coragem:** aqui definida enquanto "vontade de cada um fazer mudar as coisas (pequenas e grandes), e o desejo de criar, aqui e agora, uma novidade irredutível." (ENRIQUEZ, 1994: 32).

o emprego, eu era o chefe que mantinha a casa, ela não. Isto era um negócio muito sério, eu acordava e dormia pensando nisso."

(Seu Elmo, entrevista para a história da cidade).

O olhar do Seu Jujuca prende-se a sua autonomia enquanto provedor de uma família também, mas a construção física da igreja católica, retém seus olhares sobre o feito, o vivido. Os olhares do Seu Elmo, ao contrário, lembram suas dificuldades de escolha entre ver a história da cidade passar e as limitações de participação na vida coletiva.

A USIMINAS criou uma cidade, mas impediu que ela se mostrasse. Mesmo assim, seus cidadãos perceberam-na e caminharam para sua *fundação*.

Para Dona Ione foi questão de solidariedade cristã, presente na sua memória desde seu tempo de professora de escola rural. Solidariedade, hábitos religiosos, desejo, medo, paixão. O fato é que os sentimentos, as motivações de cada um foram recursos fortes vividos por esses moradores. Vontade de não passar por ali como simples moradores, mas de viver suas histórias no cotidiano das transformações na cidade porque: "(...) ela, a empresa, não podia me impedir de pensar." (Seu Elmo, entrevista para a ^{história da cidade} cidade).

A idéia de seus cidadãos sobre a vida política de Ipatinga confunde-se com a fé, com o desejo, com o conceito

de uma verdadeira cidade, naquilo que é de fato uma cidade. Irão em busca da cidade de todos.

Nesse capítulo os moradores lembram-nos uma Ipatinga vista pelo alto, sob os olhares do poder, mas também uma cidade percebida pelas frestas geradas nos desejos silenciosos de mudanças. Um imaginário de cidade tecia essa construção.

E, embora sacrifiquem dezenas de vidas operárias, é desse imaginário que surgirá a cidade dos cidadãos, em uma "(...) *criação imaginária própria da história.*" (CASTORIADIS, 1991:192). Os instituídos, por traçados próprios, fundarão a verdadeira cidade.

No próximo capítulo, a memória de dor e vida - o massacre dos operários em 63.

A PAZ DA ORDEM

Condições subumanas -

1 - ~~subcondições~~ de trabalho - repressão e vigilância

↳ subumana

Em Ipatinga, desde os primeiros anos de vida operária, seus trabalhadores mostraram-se à cidade. Em 1963, outubro, exatamente no dia sete, após um domingo quente, ensolarado, seus moradores testemunharam um massacre de dimensões inconfessáveis dentro da estatística oficial.

Uma das assistentes sociais, *funcionária da Usiminas,* presente na cidade à época do massacre, fala-nos a respeito da tragédia, com olhares sobre os operários que marcaram presença em um clima de grande inconformismo com as condições de trabalho e moradia que lhes eram impostas devido à **justificada** (grifo meu) urgência na construção da usina:

"um momento difícil para todos nós, porque realmente, é aquela história não é? Às vezes as situações são criadas e bastam pequenas fagulhas para acender um estopim não é? O que acontecia é que realmente a empresa não tinha ainda condições de montar uma estrutura de cidade, de atendimento, de alojamento, de alimentação que satisfizessem a todos. E então as

peças estavam contrariadas porque o alojamento não era bom, havia queixa da alimentação, a assistência médica como eu te falei ainda era precária, não tínhamos hospital, os recursos eram precários e a empresa...havia todo tipo de gente, inclusive mais tarde verificou-se que havia até muita gente daquele famoso grupo dos onze, não é? O pessoal que entrou aí no meio das empresas para tumultuar as coisas, mais tarde se verificou que tinha muita gente lá, e para lá também foram pessoas de...inclusive até foragidos da justiça, porque era uma região nova que chegava e a pessoa oferecia trabalho e o cara era bom de trabalho, tudo bem não é? Então realmente ali era uma zona meio tumultuada, não havia diversão, lazer, nada. As pessoas trabalhavam, comiam e dormiam. Num lugar desse é comum que qualquer coisa pequena se transforme numa tragédia. Porque as pessoas não têm como aliviar suas tensões do trabalho, elas não têm como aliviar suas tensões do dia-a-dia, elas estão muito inseguras quanto a tudo. Na realidade tudo aquilo ali era muito inseguro ainda. A empresa estava nascendo com muito...a USIMINAS sempre foi uma empresa muito humana, mas nem havia condições de desenvolver esse humanismo porque a empresa carecia de recursos

financeiros e o grande negócio era botar a empresa para produzir, porque enquanto a empresa não produzisse ela não podia nem remunerar bem nem fazer nada (grifo meu). Então foi uma época muito difícil. E nessa ocasião, esse atrito que houve e que não foi bem conduzido no princípio, falta de tato talvez com as pessoas que estivessem mexendo com os operários, naquela época, no caso, a vigilância, derivou no que derivou."

(Maria Gláucia, assistente social da USIMINAS).

2 - Inconformismo e resistência dos operários - o

Massacre de 7 de outubro de 1963

Na entrevista anterior
[Na Nas entrevistas anteriores] as condições de trabalho são apontadas como subumanas. Imperava um projeto de lucros altos e céleres. Contudo, necessidades de lucro e acumulação não justificam nenhum tipo de coerção e violência para imprimir submissão no trabalhador. Para Dona Ione:

"(...) quando uma empresa quer criar sua produção, ela tinha que estar pensando no operário e ela não pensava. Como é que é? Na busca do progresso, do

dinheiro, o homem não pode ser relegado ao segundo plano. Não, ele deveria vir em primeiro lugar."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

A coerção e violência vieram ^{juntos.} em primeiro plano. O Massacre de 63 foi uma resposta aos desejos dos operários de serem percebidos em primeiro plano. Pode-se ver a extensão da dor e indignação registrados no lembrar dos sobreviventes do massacre de 63 ao acompanharmos seus olhares ao passado.

A ordem para equipar o batalhão de soldados com armas de guerra e a presença de soldados armados para matar (operários) indicam a ostentação do poder local:

"(...) um caminhão com um canhão...uma arma de guerra...a polícia estava lá, dezesseis soldados...um soldado em cima de um caminhão com metralhadora. O oficial que estava comandando esse policiamento era o tenente Jurandir."

(Padre Avelino, entrevista para a história da cidade).

Para José Horta, operário sobrevivente do massacre, a frieza, o desrespeito contra as vidas daqueles homens e o despreparo dos seguranças da empresa tornaram possíveis

tamanha violência contra todos aqueles que trabalhavam no local. A segurança:

"(...) que era formada basicamente de bate pau...a maioria dessa vigilância da USIMINAS eram elementos que já tinham participado, já tinham prestado esse tipo de serviço para ACESITA, ajudando a ACESITA a tomar terra desses pequenos proprietários. Pessoas muito desqualificadas, muito grossas mesmo para esse tipo de trabalho. Então eram também da vigilância da USIMINAS, então esse corpo de vigilância...prendia, batia no trabalhador, na fila do cinema, dentro do bandeirão...dia de domingo...era uma coisa horrorosa. Então na entrada e saída das portarias, era comum a gente ver lá vigilante e polícia juntos. Ou dando busca no trabalhador como se fossem marginais, coisa horrorosa sabe? Descia do caminhão, apalpava, olhava bolsa, tudo. Xingava, humilhava sabe? Então essa rotina...isso aí foi chegou num ponto que os trabalhadores não aguentavam mais. Então eu me lembro que no dia seis de outubro, foi um domingo, de 1963, nós tivemos uma assembléia. Os trabalhadores participaram de uma forma assim, muito boa mesmo. O sindicato aqui era a base lá do sindicato de ACESITA,

então quando o pessoal que pegou às 15 horas estava retornando, ou saindo às 23 horas, estava cheio de vigilantes. A impressão que a gente tem, é que era até uma espécie de revanchismo da empresa, contra aqueles trabalhadores que tinham participado da assembléia, no domingo. O Geraldo Ribeiro^x coloca isso muito bem, eu já conversei com ele, ele concordou também, então quer dizer quando essa turma estava voltando, os trabalhadores achavam que era demais e não dava para agüentar. Os leites que os trabalhadores traziam, (lanche que a empresa oferecia aos operários), eles quebravam aquilo na cara deles, assim. Aliás a gente foi vivendo essa coisa assim entendeu? Como se Ipatinga não pertencesse ao Brasil. Meu Deus do céu! Então os trabalhadores também... não agüentamos mais isso! aí, então houve resistência e a polícia acompanhou esses trabalhadores até os alojamentos, bateu muito neles. Foi lá no Santa Mônica... tinha um outro alojamento próximo que era o Chicago 'Bridge'. Chicago 'Bridge' porque era uma empreiteira que existia, ela foi embora e depois os alojamentos passaram a ser ocupados também pelos trabalhadores da USIMINAS. Então quer dizer esse massacre... então quando foi o dia, amanheceu na segunda feira às 7 horas e no portão ali,

onde hoje é a portaria da USIMEC, os trabalhadores foram se concentrando, aqueles que saíam, iam chegando, participando com a gente, e vinham chegando os caminhões cheio de trabalhadores, de Melo Viana, de Fabriciano, de Timóteo, de diversos bairros aqui, entende? E os companheiros iam revezando não é...nas falas... sabe? Acontece que aqueles trabalhadores que haviam sido perseguidos durante a noite, que a policia bateu, quando lá pela sete, sete e meia eles estavam chegando, muitos deles sem camisa e com as costas cheia de hematomas, braço enfaixado, com tipóia não é? Quando o braço fica pendurado assim, então, é este quadro sabe, e aquele quadro destes trabalhadores machucados.(...) naquela manhã de segunda-feira, aproximadamente 16 mil pessoas, entre empreiteiras e da USIMINAS...matou muita gente...eram pessoas...as ambulâncias chegando, transportando...companheiro carregando o outro...dando socorro até eu vim rastejando. Agora eu cometi, como muitos de nós cometemos uma falha, eu voltei depois e vi vários corpos pelo chão, vários, vários...mas a gente não contou. Eu não poderia pensar naquele momento, que um dia eu estivesse aqui dando uma entrevista dessa e poderia ser muito importante dizer assim com muita

precisão...foram 92. Eles falam que morreram oito
pessoas...é _____ a _____ maior
mentira...mentira...mentira....morreram...noventa...~~X~~
Cem, talvez mais. Isto no dia, e aqueles que saíram
todos arrebatados e foram para o hospital e morreram
depois...ficaram aleijados...ficaram perdidos por
aí...entende?"

(José Horta, entrevista para a história da
cidade).

Há uma memória de dor, de brio moral, dentro do olhar
de José Horta ao lembrar dos companheiros com os corpos tão
expostos, com o direito de viver sendo arrancado por tiros
de fuzil em frente a um portão de fábrica, no espaço do
trabalho, não de guerra: "(...) então quando esses rapazes
foram chegando machucados não é? Mexeu com os brios de
todos nós que estávamos ali."

Sua forma de lembrar, nos fala, com olhares marcados
pelas emoções - quando recorda o grito de guerra emitido
por um soldado:

"(...) esse tenente Jurandir^{*} deu um tiro para o
ar, para cima não é? E eu recordo do grito de guerra
que ele usou: 'senta a pua minha gente', não é? Como se
diz, pode atirar a vontade, e aí eu estava numa valeta,

ali próxima da linha, lugar que iam passar os cabos...estava ainda em construção, eu pulei, tinha dois anos que eu tinha saído do exército não é? Alertei vários companheiros: 'cuidado porque é tiro, é tiro real, não é festim não'. Entende?"

(José Horta, entrevista para história da cidade).

Não. Ninguém pode entender uma barbaridade dessas. A memória avivada^{de} pelo passado - transportado hoje para o presente - volta a registrar:

"(...) eu lembro que a terra caía em cima das costas da gente, pelos tiros, pelas rajadas sabe, então foram muitos tiros, muitos tiros, e aí a versão da imprensa que oito pessoas foram mortas...mentira, mentira, naquele dia matou no mínimo, no mínimo, umas noventa, cem pessoas." (José Horta, entrevista para história da cidade).

Para padre Avelino - primeiro pároco de Ipatinga, e fisicamente presente no espaço do massacre, seu olhar não traz a sua memória a tragédia enquanto acidente, mas resultado de ações premeditadas. Ações provocadas contra operários que:

"(...) *meninos ainda não tinham alma de operários...foram em frente ao portão número 1 da USIMINAS manifestar seu descontentamento...era um caminhão com uma metralhadora dentro e mais 16 policiais armados até os dentes."*

(padre Avelino, entrevista para história da cidade).

O massacre ficou na memória de um lembrar "*(...) individual tanto quanto social, e no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique*" (BOSI, 1995: 31); como um divisor de águas para Seu Elmo¹⁶; acidente de trabalho para Dona Maria Gláucia; uma barbaridade para o operário José Horta; indignação para padre Avelino, para quem o local do massacre: "*(...) era uma praça de guerra.*"

O massacre de 63 teve um sentido de unidade entre os moradores da cidade, conforme nos foi registrado aqui. A realidade das relações de trabalho ficou mais exposta e a cidade envolveu-se com as dores de seus moradores. Uma atitude de consciência e presença do trabalho na cidade tomou conta do cotidiano deles. Seus moradores puderam percebê-los - não apenas máquinas, mas homens.

¹⁶ Veja entrevista para a história da cidade, p. 46.

Do sangue inocente dos operários covardemente mortos, nasce a vida. Houve o impulso e o desejo pela construção dos movimentos de ação política por uma cidade dos cidadãos. O que não significa que a razão e a motivação por uma outra cidade tenha-se fundamentado, unicamente, no Massacre. Como vivenciaram e como construíram essa transformação política criadora na cidade, será assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO III - 1970-1984

DO SANGUE NASCE A VIDA

A cidade renova-se banhada pelo sangue dos seus operários. Aquela cidade artificial, imposta, criada a partir do nada, que se impôs através do capital, mostra-se sacudida por uma força que desafia os cálculos de uma cidade planejada e constrói uma nova identidade, entendida como "(...) algo do tipo faça você mesmo, que não nos pode ser dado por outrem e, menos ainda, vir da estratosfera do poder político." (EVERS, 1984: 18).

Os moradores de Ipatinga resistem contra as relações de poder até então vigentes, projetando uma mudança social que leve em consideração todos os espaços da vida cotidiana, ~~a~~ cidade:

(...) e constrói resistências internas, na organização dos seus atores sociais, seja lutando contra as imposições autoritárias dos dominantes, seja propondo novas formas de vida, definindo seu modo cultural e construindo suas entidades de resistência política." (THOMPSON, Apud Rago, 1985: 13).

Assim, os movimentos políticos dos moradores de Ipatinga na sua fundação ressurgem "(...) onde quer que se constituam: na fábrica, na escola, na família, no bairro, na rua." (RAGO, 1985: 14). São seus "(...) primeiros e tímidos passos no sentido de tornarem-se sujeitos da própria história." (EVERS, 1984:19).

Ao caminhar pelos olhares dos moradores na construção dos movimentos sociais pela autonomia política e social de Ipatinga, há constatação da significativa participação da mulher.

Cidadãs como Dona Ione e Maria da Glória olharão a cidade envolvidas em uma memória de extrema coragem.

Também mulheres, com olhares sobre as ações da empresa na vida de seus operários, terão em seus olhares as tentativas da empresa em aproximar-se do povo.

A presença da Igreja Libertária dos freis franciscanos e seus movimentos na cidade - o lembrar/fazer dos freis João José, Jacyr, Flávio, Adelmo.

Enfim, a cidade do movimento social, urbano, operário. Seus cidadãos fazendo-se enquanto sujeitos da própria história, "(...) onde as classes acontecem à medida que os homens e mulheres vivem suas relações de produção e experimentam suas situações determinantes, dentro do "(...) conjunto das relações sociais." (THOMPSON, Apud Sader, 1991:44).

1- A empresa tenta aproximar-se do povo

A cidade não foi construída apenas dentro de um desejo. Seus cidadãos-citadinos tiveram lutas e construções cotidianas nessa cidade. A empresa tentou, na forma dela, viver no meio deles. E os olhares de duas ex-funcionárias da USIMINAS mostram-nos isto.

Entrevistadas para esse estudo, ambas aposentadas pela USIMINAS e atualmente residentes em Belo Horizonte, suas atividades dentro de Ipatinga sempre estiveram voltadas no sentido de aproximar a USIMINAS do povo. Uma aproximação no entanto traçada somente com propostas voltados para maior produção no trabalho mesmo porque "vislumbrar aquilo ali virar uma comunidade tinha que ser muito sonhador mesmo" (Maria Gláucia, primeira assistente social a trabalhar na cidade, vinculada à USIMINAS).

Formada pelo Serviço Social, Maria Margarida, Guida, como é conhecida entre os colegas, trabalhou quase que somente na USIMINAS. Ipatinga encantou os olhares de Guida nos finais dos anos 60:

"(...) cheguei a Ipatinga em dezembro de 68, quando supervisionava a ACAR, logo que me formei fiz um concurso e passei. Após três meses de treinamento, comecei meu trabalho em Ipatinga. E, eu falo, meu destino era Ipatinga...Muriaé...era a cidade que eu deveria ir trabalhar. O meu local de trabalho foi trocado e eu fui para Ipatinga. Eu tinha um certo receio porque minha expectativa era horrível com relação a Ipatinga. Sabia-se que era uma cidade sem muito desenvolvimento, muito quente, de pessoas diferentes daquela região que a gente morava. E, que pelas matas os presos daquela região se refugiavam justamente ali. Não foi essa a imagem que eu tinha da cidade de Ipatinga onde eu iria trabalhar. E quando eu fui, fui com alguém, uma amiga de curso de Serviço Social. E eu me lembro que a viagem era distante, Juiz de Fora, Belo Horizonte, pra cá até Ipatinga. Havia na chegada da cidade uma boate onde não se poderia entrar. Aí quando eu

cheguei em Ipatinga eu gostava do trabalho. Eram trabalhos...nas...roças...nas...fazendas...de...orientação...cursos...palestras...como...preparar alimentos. A gente percebia ausência de higiene total, água sem tratamento, latas (vasilhames onde fazia-se o café). Eram casinhas de sapé, fossa, isto na zona rural. O engenheiro agrônomo orientava a construção das fossas e eu na alimentação, no trato das roupas. Eles pegavam os homens, e a gente as mulheres. Eu gostava...chegava em casa, porque andávamos de 'Jeep'...o clima horrível, chovia muito, eram temporais, uma coisa horrorosa...eu me lembro de um temporal...eu estava no Hotel Comercial, porque lá tinha o Hotel Comercial e o Grande Hotel. O Grande Hotel era da empresa, ele era muito caro pra mim, então eu fiquei no Hotel Comercial...eu vibrava com a usina...só de ver por fora...mas por dentro eu já sentia um amor por aquela usina, eu sentia um troço, então à noite aquelas chamas altíssimas, parecia uma tocha...o céu de Ipatinga era uma coisa...era uma pintura...aquilo batia muito forte em mim. No atendimento na usina quem reclamava mais era a mulher porque era a mulher que sentia mais do lado dela, porque o homem naquele

afã de trabalhar...e o homem nas folgas dele o que acontecia? Ele bebia também, havia muitos casos de pessoal que gostava muito de beber. Aí quando deteriorava mesmo o relacionamento ele levava para a gente, mas eram casos terríveis...às vezes até eles não bebiam mas eles ficavam agressivos e elas contavam pra gente...e isto tudo já era assim pelas condições de trabalho que era assim...pião, não é?"

(Maria Margarida, entrevista para história da cidade).

Há no lembrar de uma das mais antigas assistentes sociais da empresa, olhares sensibilizados sobre a vida de trabalho dos operários:

"(...) a maioria não, mas uma boa parte destes que trabalhavam em condições mais agressivas...estes eram terríveis, sabe? E quando trabalhavam no horário noturno também...saíam de manhã...quantas vezes um cochilava, aí ele cochilava e...um deles que cochilou...este foi mandado embora porque cochilou e não podia cochilar. O negócio era tão assim...a área era agressiva...então a gente tinha que falar: 'olha você tem que durante o dia dormir.' Aí a gente tinha

que conversar com as esposas...olha seu marido trabalha num lugar assim, ele tem que dormir. E a gente fazia um trabalho assim...todo aniversário da usina as portas ficavam abertas para a gente mostrar para os filhos e as esposas o local de trabalho do marido...ele levava para a gente os problemas da mulher e dos filhos...porque os filhos gritavam...a mulher não cooperava."

(Maria Margarida, entrevista para a história da cidade).

A participação da empresa na vida da cidade concentrava-se na vida privada do trabalhador - dentro da sua família. Mas era uma preocupação com as condições de rendimento do trabalhador, que, se por uma lado era "agressiva", por outro era também punitiva. Um cochilo poderia custar o emprego, ou a vida do operário. As palestras junto a esses operários eram recursos para motivá-los:

"(...) porque eram palestras demais...a gente fazia palestras quando o funcionário era admitido. Em grupos...uma de integração, a de reintegração, sempre lembrando os benefícios que os funcionários têm dentro da empresa, o que eles têm de fazer tanto na área de

trabalho quanto familiar...a gente falava dos benefícios do INPS e da empresa."

(Maria Margarida, entrevista para história da cidade).

Nesse lembrar de Guida, a presença da empresa na vida dos operários:

"(...) a USIMINAS é uma empresa que a gente se apaixonou por ela porque ela é muito séria. Eram métodos que agradavam...a gente trabalhava com pesquisas com comunidades. Havia um bairro, Candogolândia, de Fabriciano, que era povoado pelo pessoal da USIMINAS, e o trabalho de centro comunitário...a gente não tinha nem local para reunir...a gente se reunia nas casas dos moradores...depois passamos para a paróquia...a gente orientava como conseguir apoio da empresa, da prefeitura. Até que conseguimos um convênio com o SESI. A USIMINAS entrava com a manutenção do prédio...até 76 já haviam passado umas sete mil pessoas...isto tudo através de um trabalho que a gente começou lá da casinha dos trabalhadores...para os trabalhadores, nós orientávamos, esclarecíamos se eles

gostariam de ter estes trabalhos para suas esposas. Esses cursos dariam condições delas até se profissionalizarem. Economia doméstica...a gente ensinava fazer pratos saborosos...agora tinham também para os maridos palestras...para as famílias...encontro de casais...não este da Igreja ...dali saíram líderes que começavam a participar de sindicatos...a gente ajudou demais...eu falava que ali naquela empresa é que estava a minha realização, porque ali na empresa eu me sentia tão bem profissionalmente. Às vezes o empregado chamava para a gente ir a um batizado e a gente ia até almoçar com ele...porque a empresa participava mesmo da vida da comunidade. Alguns engenheiros, sobretudo os solteiros a gente encontrava-os ali na festa. Era uma realização tanto pessoal quanto profissional, porque era lá dentro do trabalho, e...quando a gente saía também a gente se sentia bem porque a presença da gente era benéfica para eles: 'nossa a Dona Guida veio aqui em casa...o doutor fulano veio aqui em casa.' Aquela fraternidade mesmo que existia e isto servia também como exemplo da gente...porque eles olhavam! A gente tinha que ser um **tipo de pessoa** (grifo meu) porque eles olhavam a gente mesmo!"

(Margarida, entrevista para a história da cidade).

Eram olhares que mediam a capacidade de seus funcionários de adaptação às regras da empresa. Dentro e fora dela.

Maria Gláucia Filgueiras, também assistente social, foi a primeira profissional da área, presente nos quadros da USIMINAS. No lembrar de Maria Gláucia, a USIMINAS e Ipatinga aproximavam-se:

"(...) eu já conhecia Ipatinga. Foi uma visita superficial, a convite de Dona Vera, esposa do então presidente da USIMINAS, Dr. Lanari. Ela convidou um grupo de estudantes do Serviço Social para conhecer a cidade. A nossa visita não se estendeu ao que chamavam Ipatinga Velha, ficou mais na área da empresa, da USIMINAS. E quando eu cheguei, a princípio fiquei meio assustada. O que me assustou primeiro foi o clima. Era um forno Ipatinga. Um calor intensíssimo. Eu tinha impressão que não ia conseguir vencer o calor."

(Maria Gláucia, entrevista para a cidade).

Havia uma preocupação dessa assistente social com as condições de uma vida comum. Mesmo porque a cidade enquanto espaço coletivo não tinha muito sentido para seus moradores,

e isto era importante para que "(...) as pessoas pudessem sentir que havia uma vida de cidade se desenvolvendo ao lado da vida da empresa." (Maria Gláucia, entrevista para a cidade).

Era uma participação na vida dos trabalhadores, não na vida da cidade. Assim indicavam suas atividades sociais:

"(...) a gente treinou as professoras, porque antes delas começarem a trabalhar a gente explicava pra elas. Olhem, a gente, nós precisamos disto...e então elas captavam tudo isto, sabe, discutiam com elas e depois traziam pra nós. Então a gente ia montando os programas. Então nós fazíamos encontros de casais, psicólogos, a gente trazia para conversar com eles e ver qual a dificuldade que eles estavam encontrando. Mostrávamos muito o que era o trabalho de turno, não é? Que a pessoa fica muito nervosa, fazíamos encontro de jovens, para os jovens também entenderem os pais. Às vezes passávamos um domingo inteiro com os jovens. Fazíamos umas duas palestras e o resto era festa. A gente fazia hora-dançante, gincana, e nós lá no meio não é? Fazíamos estes programas de folclore, para acostumar a comunidade.

Então a gente fazia a semana do folclore, e estas coisas todas que caracterizam as cidades do interior."

(Maria Gláucia, entrevista para história da cidade).

Para Maria Gláucia, a participação na vida particular dos operários - não na vida da cidade. Era o que parecia revelar seu olhar:

"(...) a gente tinha contatos com eles e você sentia muito. Primeiro, que eles estavam inteiramente desajustados, estas pessoas da área rural, elas têm um espírito de família muito grande, de comunidade muito grande. Mas ali não era uma comunidade, ali era um acampamento. **Nem pra nós de um nível melhor não era comunidade** (grifo meu). Aquilo ali era um acampamento da empresa para todo mundo. A maioria das pessoas não estava ali para ficar, a maioria estava ali para ganhar um tempo, para ganhar um dinheiro, ou fazer um pé-de-meia, ganhar uma experiência e depois ir embora. Eu não acredito que naquela época, dez por cento das pessoas quisessem fazer de Ipatinga a sua nova terra. Iriam querer sim, uma empresa nova que oferecia treinamento, que oferecia um salário que na época era

considerado razoável, bom até, e depois ir-se embora. Então, quem vai com este espírito vai para tirar e não para colocar, não é? Você vai colocar alguma coisa onde você pretende ficar, onde você pretende ter sua família. Nessa hora eu me lembrava muito do Brasil e dos Estados Unidos. Eu pensava mais ou menos assim, isto aqui é um Brasil, e os portugueses vieram aqui para tirar, não vieram para fazer uma nova nação como os ingleses foram para os Estados Unidos. Então você sentia assim, não tanto por culpa das pessoas não, talvez, primeiro porque a cidade não tinha nada. Segundo, **vislumbrar aquilo ali virar uma comunidade tinha que ser muito sonhador mesmo** (grifo meu). A gente precisava ser muito sonhador mesmo. E a USIMINAS foi, inegavelmente, a propulsora do Vale daquela região. Um processo de desenvolvimento de uma empresa industrial vai muito à frente...começou muito à frente de uma comunidade industrial mesmo porque a condição para ela atender uma comunidade é ela ir bem como indústria. Ela precisa se desenvolver bem como empresa, para ter recursos para poder se voltar para esta parte. Então era um processo que a gente tinha que dar tempo e o que a gente notava, eu sentia muito no pessoal, aquele desajuste, uma comunidade muito

fria, um trabalho pesado, pessoas que estavam acostumadas a levantar de manhã às seis horas sim, mas que às seis horas já estavam dormindo. E trabalhar de noite, de turno, era muito violento."

(Maria Gláucia, entrevista para história da cidade).

Muito mais violento seria para operários de origem rural, cuja rotina não inclui o trabalho noturno. A natureza possui uma certa cumplicidade com os homens do campo - os trabalhos acumulam-se aguardando o raiar do dia. À noite, quase sempre, o sono é garantido. Mudar em função da rotina de uma empresa é atrocidade. Mas tiveram que mudar. Os mesmos moradores, cerceados no direito de ir e vir em 1958, separados por arames farpados, foram aproveitados dentro da produção da empresa:

"(...) aqueles que trabalharam na operação e que tinham condições foram aproveitados na produção. Tinha muita gente que foi recrutada especialmente para aquilo ali. Mas o que que a gente sentia. A gente sentia, eu me lembro de umas coisas assim que me passavam pela cabeça. Uma vez eu assisti uma palestra da Sandra Cavalcanti que nunca me esqueci disto. A Sandra Cavalcanti contando da experiência dela com a construção daqueles prédios, aqueles aglomerados, eu

chamo de aglomerados, eles chamam de núcleos residenciais. Então eles colocavam o pessoal que vinha da zona rural para as cidades. Então o BNH começou a fazer aqueles núcleos e levar aquele pessoal pra lá. Então ela contou uma experiência que eu não me esqueci. Ela é assistente social. Ela começou a sentir que as pessoas estavam muito desajustadas, muito tensas, e um dia ela foi visitar a granja de um amigo, então ela começou a entender. Porque a granja era toda mecanizada, então as galinhas estavam acostumadas a tomar a água que passava na canaleta que era acionada pela energia elétrica. Estavam acostumadas com o alimento que vinha numa esteira que era acionada pela energia elétrica. Estavam acostumadas a que, numa certa altura do dia, caía uma água que as lavava, que era acionada pela energia elétrica. Os ovos que elas botavam partiam numa esteira rolante. E faltou energia elétrica nesta granja. As galinhas entraram em pânico. Começaram a se machucar umas às outras e houve até caso de se matarem umas às outras. Galináceos são considerados como seres com uma inteligência muito reduzida, não é? Têm uma reação assim diante de uma mudança ambiental, que nós seres humanos sentimos, que somos capazes de pensar, de analisar, é lógico, que

por outro lado nós temos condições de botar toda nossa mecânica para funcionar, para nos adaptar. Mas até quando isto funciona? Então de vez em quando eu interpreto assim algumas coisas que aconteceram, inclusive esta confusão do Sete de Outubro, como uma reação deste tipo. Uma neurose que você vai acumulando de desgaste, de inadaptação e de repente, explode. E eu senti que a gente tem que criar condição, porque aquilo me preocupava muito. Então eu pensei, nós precisamos agir nesta comunidade, a esta altura, esta assistente social que foi pra lá trabalhar comigo, foi até uma colega de turma, eu quem indiquei, Maria de Lourdes Valadão, foi a segunda assistente social de lá. Nós começamos a imaginar um trabalho para começarmos a trabalhar nos bairros, na comunidade. E como existiam naquela época em Ipatinga aqueles movimentos da Igreja, não é? Você se lembra que houve uma época em que a Igreja trabalhava muito com as comunidades, os padres se reuniam com os casais. Não era um movimento familiar cristão, era um movimento de comunidade mesmo. Porque aqueles padres mais avançados, eles trabalhavam muito com a comunidade no sentido de melhorar as condições da comunidade e tudo. Eu comecei a aproximar dos padres para ver se

havia alguma iniciativa da Igreja, porque as nossas populações de um modo geral são muitas. Hoje não, mas, naquele tempo muito católicas, não é? E às vezes uma coisas dessas partindo da assistente social da empresa podia não parecer bem, porque de qualquer forma eu era representação da empresa para eles. Embora eu tivesse conseguido me aproximar, embora eu tivesse conseguido uma certa confiança deles, mas de qualquer forma eu representava a empresa. Então, eu achava que a gente tinha que partir de uma outra coisa que não fosse a empresa, mesmo porque me preocupava muito essa característica paternalista da empresa. Eu achava que aquilo não podia continuar. Era preciso que algumas outras iniciativas fossem se firmando, para que a população pudesse se sentir mais solta, mais livre, porque o paternalismo tem um aspecto muito negativo. É muito bom, porque tudo está resolvido, mas por outro lado você fica muito preso, fica muito ligado, você tem medo até de se manifestar. Porque você acha o seguinte: eles estão me dando tudo, deixa eu ficar quietinha. Então até você adquirir uma consciência de cidadão, para você lutar por alguma coisa, para você querer fazer do lugar que você está, uma coisa sua, você tem que sentir que ela é sua. Se a

sua casa é da empresa, se a luz que toca é da empresa, se o jardim é a empresa que faz, se tem uma manutenção, uma pintura, é a empresa que faz, poxa! Aquilo ali não é meu. Então eu não vou zelar. Eu não vou me sentir enraizada num lugar que nem a casa é minha! É tudo da empresa...a luz elétrica é da empresa, a água é da empresa, a casa é da empresa...tudo é da empresa. E a esta altura já estava indo pra lá a CEMIG, para se instalar, já começava a emancipação de Ipatinga, já havia uma prefeitura, e então nós começamos a trabalhar, através das Igrejas. Eu comecei a procurar, eu e a Lourdinha começamos a procurar as paróquias para ver se havia algum movimento iniciado nas paróquias. E vi que havia alguns grupos. Então eu comecei a procurar estes grupos, a freqüentar estes grupos e ver o que eles discutiam. E ver se ali a gente podia encaixar. Eles discutiam as condições locais, eles discutiam os problemas deles como pessoas, eles discutiam os problemas de casais, os problemas dos filhos e eles discutiam também...os problemas locais, a falta de lazer, a falta de ocupação para as mulheres, discutiam tudo isto. E eu comecei a me entrosar naqueles grupos, Lourdinha e eu. Depois a Lourdinha foi embora, foram

pra lá, Maria Angélica, depois a Guida, a Clélia. Então quando eu fiquei com uma equipe maior, eu dividi os bairros: 'olhem cada uma de nós vai ficar responsável por um bairro, e cada uma de nós vai tentar ver o que fazer nesse bairro'. Porque cada bairro é uma comunidade diferente, aqui nós não temos uma comunidade global, nós temos comunidade setorial, então vamos tentar trabalhar por setor. Cada uma tem seu tipo de problema, cada uma tem suas dificuldades, uma é melhor do que a outra, vamos ver o que nós vamos fazer. Então nós nos dividimos por bairro. Neste tempo também, nós assinamos com o SESI um convênio para assistência odontológica. Neste convênio a USIMINAS construía o prédio, e o SESI montava o equipamento. A USIMINAS pagava o dentista, o SESI pagava o atendente. Porque o SESI recebe muita contribuição da empresa, e o SESI começou com essa...aliás até hoje o SESI tem isso...então nós entramos nesse convênio e eu descobri que este convênio tinha uma parte social que ninguém nunca movimentou. Ali falava da instalação de serviços em Ipatinga. Então vamos pegar este gancho. E nessa época a gente começou, o pessoal começou a se desligar dos padres porque eles conversavam com os padres mais

assuntos religiosos e de família e eu deixei... deixa esta parte com a comunidade então."

(Maria Gláucia, entrevista para história da cidade).

Embora a empresa recuasse na tentativa de proximidade da empresa com a Igreja, houve tentativa de aproximação com o povo:

"(...) e eles começaram a ver que conosco eles tinham mais chance de resolver os problemas da comunidade. Então começou a haver esta procura de meios para os problemas da comunidade. E os padres, para os problemas individuais. E nós achamos bom porque nós tínhamos outros métodos para trabalhar os problemas individuais que não aqueles da Igreja, não é? A nossa posição diante da coisa era muito diferente da Igreja, não era aquela posição dogmática de carregar a cruz, nem nada disso, então nós não podíamos nos meter naquilo. A nossa era a de que as pessoas têm que trabalhar, e aprender a se conhecer um ao outro, aprender a lidar com as dificuldades de um do outro, não é? E pra isto era preciso fazer alguma coisa para as mulheres. O que a gente temia muito era

o seguinte: os homens tinham na empresa todo um treinamento. Eles eram treinados como operários e como pessoas. Porque nós inclusive dávamos treinamento para eles. Eles tinham um programa introdutório, tinham um programa...vários programas que a empresa dava para eles para segurança, programa de treinamento sanitário. E a mulher, a mulher ficava em casa cozinhando e andando para trás. Então a gente pensava assim, isso aí vai criar algum problema. Igual aquela história do militar, não é?. O sargento casa com uma pessoa do nível dele e quando chega a capitão, a pessoa se não progredir, eles não conseguem viver juntos. Então nós temos que trabalhar essa mulher. E este gancho do SESI foi bom porque o SESI tem trabalho para a mão-de-obra essencialmente feminina, mas tem que arrumar lugar, não é? E a esta altura a USIMINAS tinha construído um lactário, e isto nós não tivemos participação não, porque em lactário em bairro da USIMINAS não tem lógica, lactário você constrói para a população carente, não é? A população da USIMINAS não era população carente. Tinha construído um lactário, no bairro do Areal, que por sinal nem era bairro tipicamente operário, e quando viram que realmente aquele lactário ali não seria o lugar mais adequado, o

lactário foi transferido. O LIONS construiu, eu também participava do LIONS, eu fui inclusive a primeira presidente do Clube das Domadoras e procurei colocar as mulheres do LIONS num esquema de comunidade. Eu entrei para o LIONS para trabalhar um outro grupo de um nível maior, para tentar formar um espírito de comunidade. Porque, desde o dia que eu coloquei o pé na USIMINAS eu falei: 'eu vou morar aqui, aqui vai ser minha terra, isto aqui vai ser o lar dos meus filhos, então eu tenho que trabalhar aqui'. Isto ficou na minha cabeça desde o dia que eu comecei na USIMINAS. 'Aqui vai ser o meu lar, eu vou criar os meus filhos. E eu vou ficar aqui o tempo que for preciso...eu vou ficar'. Eu não tinha nenhum plano de sair, tanto é que eu construí uma casa lá. Meu plano era ficar lá. Então eu queria criar uma comunidade para meus filhos e para isto eu tinha que atingir outras camadas. E eu entrei para o LIONS foi muito neste sentido, de despertar um outro grupo pra este lado, para comunidade como um todo, ver as mazelas da comunidade, ajudar a melhorar aquela comunidade, sentir-se como parte dela. Então eu entrei para isto também. O LIONS era um outro trabalho. E na USIMINAS eu consegui convencer meu chefe, que era uma pessoa...eu sempre tive muita sorte

com chefe...meus chefes eram muito bons...a me dar o lactário. Falei 'aquele lactário está lá fechado, deixe-o pra mim pra eu fazer minhas reuniões', porque até então a gente fazia as reuniões na igreja . Um dia era dos padres, outro dia era nosso. No Amaro Lanari não tinha igreja então a gente fazia num barracão de madeira. Mas as reuniões eram à noite, nada no horário de trabalho, nosso trabalho era feito à noite. Então, nós fomos...nós conseguimos este lactário...a empresa sabia que eu fazia...mas era à noite que eu fazia, porque também era à noite que as donas de casa tinham oportunidade e a nossa preocupação era o seguinte quando a gente convocava o pessoal para a reunião a gente falava: 'vai levar a mulher, sozinho não entra, brincava, sozinho não entra'. A gente queria encaixá-las no processo não é? O único recurso, coisa que nós tínhamos era este. Aí começamos e conseguimos este lactário. E a partir da hora em que conseguimos o lactário, falei, 'bem agora vamos movimentar o convênio do SESI, porque o local nós já temos'. Então este lactário que hoje é o Centro de Atividades de Santa Rita de Cássia, demos uma pintura nele, ligeira e tudo, e conseguimos que o SESI mandasse o maquinário e fizesse com as senhoras locais, o concurso para

professora de corte e costura, cabelereira e manicure, professora de pré- primário, porque naquele tempo lá as escolas públicas tinham o pré-primário e o primário, mas não tinham o jardim. Então o SESI montou o jardim de infância, cabeleira e manicure, corte e costura, artes culinárias, e ali virou um local para o pessoal se reunir, fazer festa, fazer hora dançante para os jovens...inauguramos uma praça de esportes no fundo, para jogos. E começou a desenvolver...e o nosso projeto que a gente fazia junto com o SESI, paralelamente ao trabalho do SESI de passar para as mulheres este tipo de atividades, ajudá-las a melhorar seu padrão de dona-de-casa e ganhar seu dinheirinho extra, e muitas delas passaram a ganhar porque montaram salão e tudo. É que junto a isso a gente fazia um trabalho junto com elas, sabe? O SESI tem um trabalho característico deles. Eles fazem um programa de educação familiar junto às atividades, mas nós queríamos uma coisa dirigida a nossa comunidade. Então eles faziam os deles, porque o SESI têm as normas rígidas e a gente não ia atrapalhar, nós ampliávamos com o nosso. Então o Centro de Atividades virou assim...o núcleo de desenvolvimento da comunidade. O que que a gente fazia? Paralelamente aos cursos e ao

programa da educação familiar que eles chamavam, a gente encaixava as nossas palestras, os nossos programas. Então por exemplo, a gente falava sobre o trabalho na usina. As mulheres queixavam muito dos maridos, que chegavam em casa nervosos, que os meninos não podiam fazer barulho. Elas não entendiam muito bem isto. Então nós começamos a fazer uns programas de levá-las para conhecer onde o marido trabalhava, porque ele chegava nervoso. A gente conversava, porque o que acontece é o seguinte, você não sabe o quanto uma atividade manual leva as pessoas a falarem de suas dificuldades. As pessoas fazendo bordados, fazendo tricô, fazendo um prato, alguma coisa: 'ah o meu marido, não adianta fazer isto, ele chega nervoso e não quer nada'. A gente treinou as professoras, porque antes delas começarem a trabalhar a gente explicava pra elas, 'olhem, a gente, nós precisamos disto'. E então elas capitavam tudo isto, sabe...discutiam com elas e depois traziam pra nós. Então a gente ia montando os programas. Então nós fazíamos encontros de casais ...psicólogos a gente...para conversar com eles e ver qual a dificuldade que eles estavam encontrando. Mostrávamos muito o que era o trabalho de turno, não é? Porque a

peessoa fica muito nervosa, fazíamos encontro de jovens, para os jovens também entenderem os pais. Às vezes passávamos um domingo inteiro com os jovens. Fazíamos umas duas palestras e o resto era festa. A gente fazia hora-dançante, gincana, e nós lá no meio não é? Fazíamos estes programas de folclore, para acostumar a comunidade. Então a gente fazia a semana do folclore, e estas coisas todas que caracterizam as cidades do interior, que têm as suas festas, então nós passamos a fazer dos núcleos assim uma espécie de local onde as pessoas pudessem sentir que havia uma vida de cidade se desenvolvendo ao lado da vida da empresa. Ipatinga era uma região assim. Tinha ali, naquela região circunvizinha, um grupo de congado, então a gente os levava lá. Mas a gente procurou levar muito o nosso folclore brasileiro, dessas semanas. Eu tenho até uma apostilha que eu montei, depois eu posso te mostrar...eu e minha equipe...nós montamos uma apostilha sobre folclore. Com comidas, lendas, danças, começamos a envolver a escola de balé, a escola de balé ao invés de ensinar só o balé clássico...vamos fazer danças folclóricas...Saci Pererê, Boto, a lenda da Iara, vamos fazer isto para o pessoal conhecer através do balé, que é uma atividade gostosa. E aí

começamos. Fazíamos todo tipo de oportunidade que nós tínhamos, ajudados pelo SESI, que tem este espírito. A gente começou a fazer um trabalho pequeno, é lógico, os cursos eram reduzidos. Mas dali a pouco nós ganhamos um local, para o Amaro Lanari. Fizemos o Centro de Atividades Piracicaba. Ganhamos primeiro um antigo armazém da COBAL. A COBAL não se instalou lá. O Armazém ficou lá às moscas...nós então juntamos com o grupo, transformamos as prateleiras em paredes, dividimos aquele armazém em salas, trabalhamos as prateleiras, com um grupo. O grupo sempre, sempre fazendo tudo. Começaram os cursos ali. Depois a USIMINAS construiu um centro de atividades e depois outro, que foi construído especificamente para isto na Vila Ipanema. Então nós pegamos pontos: Amaro Lanari, Santa Rita de Cássia, que é o bairro do Areal, e a Vila Ipanema, que é outro caso. Começamos a mostrar para o povo, para o grupo, analisar com eles o que era competência da USIMINAS, o que era competência de vocês (povo), o que era competência da Prefeitura, o quê que é competência da CEMIG. Vamos analisar os nossos problemas, e sabê-los encaminhar a quem é de direito e quem pode resolver. Este foi o trabalho mais

difícil, porque realmente o pessoal...tudo era a USIMINAS."

(Maria Gláucia, entrevista para história da cidade).

2- A presença da mulher na vida da cidade

Sob os olhares do poder, a construção da participação na vida política da cidade, passa pelo engajamento dos operários na vida da empresa. Para os cidadãos-citadinos, caminhando pela vivência do cotidiano, ao se fazerem, as ações coletivas trarão sentido e direção à vida política e social deles na cidade.

Dona Ione e Maria da Glória deixam-nos caminhar sob seus olhares, nessa direção.

É de Dona Ione a expressão de encanto pela vida coletiva da cidade mas também olhares críticos de rejeição às dificuldades impingidas pela empresa aos operários. Nascida em Nova Lima, moradora na cidade desde 1961, sempre manteve seu olhar para a cidade de todos, embora traída pelo imaginário. Seu olhar procura na memória as formas iniciais de construção de vida coletiva: "(...) criação de pequenos grupos, precisamos disto, precisamos daquilo, melhoria do salário da construção civil, as dificuldades no

relacionamento familiar, eram só braços, não havia tempo para o lazer." (Dona Ione, entrevista para história da cidade).

A busca pela verdadeira cidade sempre passou pela laboriosa construção de uma cidade crítica:

"(...) já começávamos em 69 uma organização da cidade...essas reuniões...a cidade começava a se organizar...mas você vê, como é que esta gestação é difícil, tem mil e um empecilhos para a participação popular...o poder público só abre espaço se ele for empurrado, se ele é forçado a abrir espaço...embora ainda com muito pouco conhecimento dos nossos direitos, não podemos perder esse espaço. Porque é nesse espaço, que vai chegar um dia a estar de fato e de verdade, os rumos da cidade, naquilo que é uma cidade verdadeira."

(Dona Ione, entrevista para a história da cidade).

Maria da Glória, moradora de muita experiência e importância na organização política e social da cidade por nascer, olha uma cidade se fazendo.

Uma mulher, que, aos quarenta anos já tem uma militância e uma memória do que é fazer. Memória e vivência

intensas. Seu olhar busca lembrar os caminhos de sua vida coletiva na cidade:

"(...) eu comecei a participar do grupo de jovens, e eu entrei, justamente numa época, que a Igreja aqui, estava fazendo uma campanha de discussão, sobre fé e política, principalmente nas pastorais de juventude...nessas discussões sobre fé e política. Isso hoje, depois ao estudar história, eu percebi que tinha uma ligação com a história, com o que estava acontecendo no país...o fim da ditadura, a anistia, a luta pela anistia e outros movimentos...mas...na época não dava para perceber isso...o que eu senti foi que eu fui para participar de um movimento religioso e de repente nós começamos a discutir, a sair política...a ligação entre a fé e a política, e eu...eu tenho uma característica assim, quando eu assumo uma coisa, eu faço para valer não é...com aquela discussão, eu lembro que eu tinha uma resistência muito grande...eu já estava começando a votar...e tinha uma resistência muito grande à política é... aquela coisa da geração da ditadura mesmo e política era, que não havia opção política...a minha defesa era que o voto tinha que ser nulo...eu lembro que nós fizemos um debate, muito

acirrado, neste sentido sobre a participação do cristão na política, eu defendia com unhas e dentes, que a melhor opção era o voto nulo...me convenceram sabe Lígia, o debate me convenceu, que haveria outras soluções, que tinham partidos surgindo, que eram diferentes dos outros, que o voto nulo era a contribuição para continuidade não é...das coisas que, deixar as coisas do jeito que estavam, e então eu decidi...se tem que participar, o cristão tem que participar, vou assumir para valer e entrei de cabeça, primeiro foi na discussão do partido, no PT, discutindo os núcleos, organização dos núcleos, o partido estava ainda se organizando na cidade, nós descobrimos a importância das associações de moradores, nós tivemos até um debate, eu me recordo muito bem desse debate...foi na câmara municipal, era um debate do partido... um seminário, uma reunião do partido, uma reunião muito grande...com muita gente assim da militância, e a pessoa que veio fazer, ajudar na discussão, ela enfatizou muito a importância das associações dos moradores, então eu já voltei para casa pensando nas associações de moradores, e na época, pensando em organizar as associações dos moradores, e na época eu já era funcionária

pública...eu era agente fiscal na prefeitura, e a gente via muita coisa errada, não é...havia o monopólio do transporte coletivo, que há até hoje, mais com muita diferença, porque a empresa se impunha, não havia direito, não havia fórum de reclamação. A impressão que a gente tinha era que o usuário, era só um detalhe, naquela relação da empresa de transporte coletivo com a prefeitura...muita falta de infraestrutura nos bairros, limpeza urbana, água, luz, essas coisas que a gente percebia, sentia falta no dia a dia, asfalto não é...e não tinha nem onde reclamar porque não havia uma organização popular não é... nós percebemos a necessidade dessa organização e a importância dela."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

Tem início, então, "(...) os projetos coletivos de mudança social a partir das próprias experiências." (Sader, 1991:53).

"(...) aí fomos organizar as associações dos moradores, com a associação dos moradores, nós iniciamos a discussão do movimento popular, a

discussão e a organização do movimento popular não é...que era exatamente o meio de transporte coletivo, os aumentos abusivos, as condições do transporte...é, depois fomos, na questão da urbanização, asfalto, limpeza, e a partir da Associação de Moradores é que nós iniciamos não é...um grande movimento, primeira manifestação que nós fizemos assim de peso aqui na cidade, foi contra o aumento abusivo das passagens de ônibus, nós reunimos duas mil pessoas em frente à prefeitura e, nós neste momento...já estavam pipocando as associações de moradores na cidade toda, e isso é até um detalhe muito importante que tem que ser considerado, é que, isso estava acontecendo mais nos bairros da periferia. Naqueles bairros chamados bairros da USIMINAS, era proibido falar nessas coisa, ainda havia e imperava a lei do silêncio aqui. Então essa manifestação que nós fizemos, nós combinamos em várias comunidades, que no protesto as pessoas viriam a pé dos bairros, para fazer a concentração aqui no centro. Muitas pessoas fizeram essa caminhada."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

Uma construção e uma caminhada extremamente difíceis:

"(...) na época para nós foi uma decepção não é... porque quando a gente convoca, espera que vai encher a cidade não é...aí reunimos duas mil pessoas, e pensamos 'ah, não conseguimos o objetivo'...hoje eu percebo que foi muito importante...foi um fato assim decisivo...depois dessa manifestação, nós ainda tivemos vários momentos de grandes discussões nas associações de moradores."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

A mesma paixão com que a cidade discute seus problemas, alimenta o surgimento dos sindicatos, do partido de esquerda:

"(...) ao mesmo tempo que a gente participava da associação dos moradores, já surgiam os sindicatos...de um lado já tinha o Sindicato dos Comerciários, o Sindicato dos Bancários, a gente já fazia discussão dos Sindicato dos Servidores...enquanto o servidor público exigia uma associação profissional, a gente fazia a discussão e chegamos a conclusão, que o grande problema nosso, todo o movimento que a gente fazia, a gente

sempre emperrava em alguma coisa, o grande problema nosso, um dos grandes problemas era o...a imposição da empresa da USIMINAS, essa lei do silêncio, ela era, ela era terrível...o movimento era proibido, ninguém podia participar de nada, ninguém podia protestar, então toda a manifestação que a gente fazia...ela só podia contar com a participação do pessoal da periferia, de algumas vezes das mulheres, porque os trabalhadores, os metalúrgicos principalmente eles, eram proibidos de manifestar ou de participar."

(Maria da Glória, entrevista para história da cidade).

No trabalho do lembrar, surge a imagem dos limites e cerceamentos à participação na vida da cidade. A repressão policial ali, ainda é motivo de indignação:

"(...) nós fizemos uma atividade de primeiro de maio, dia do trabalhador e decidimos que a atividade seria regional, ou seja a missa seria lá em Timóteo, naquela igreja no Timirim, e por incrível que pareça, no dia da missa a igreja ficou cercada de policiais...e foram feitos vários boletins, distribuídos nas portarias convocando para missa...assim, gente, fiéis. Não tinha muitos não, a

igreja não estava tão lotada assim, mais estava cercada de polícia, nós ficamos até meio assustados com aquilo, nunca imaginávamos que uma missa no dia do trabalhador despertasse tanto o interesse da polícia. A primeira reunião da pastoral que foi convocada, aconteceu lá no Bom Retiro, na Casa Paroquial do Bom Retiro, e pouquíssimas pessoas. Apesar do convite amplo, tinha poucas pessoas, operário então da USIMINAS, tinha apenas um. Mas, este um que foi, foi só na primeira reunião, depois ele nunca mais apareceu na reunião da pastoral operária, a não ser depois do movimento. Hoje ele é até militante, mais sumiu assim por um bom tempo. Nós começamos a questionar essas características dos operários aqui, porque não participavam, porque havia este medo tão grande de participar, de questionar, porque ninguém criticava nada, parecia que aqui era o paraíso e não tinha nada de errado nessas pastorais libertadoras principalmente pastoral operária, nem pensar. A gente ia para reunir o núcleo da pastoral operária só dava aquelas velhinhas do apostolado da adoração, você ia conversar... 'ah meu filho não pode, meu marido tem medo'. Que pastoral operária... a característica dela pelo menos aqui é... e naquela época era de confronto

direto com a usina, os primeiros feitos lá dentro eu nem sei, mais o que as mulheres, as esposas e as mães falavam era que havia uma ameaça muito grande e que eles tinham muito medo, questionamentos. Através da pastoral operária, então, não podiam de maneira alguma participar."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

Um profundo sentimento de paixão e vida começa a tomar conta dos moradores da cidade. O desejo de confrontar o abuso de poder da empresa na vida política dos operários "investidos de uma missão." (ENRIQUEZ, 1994:58). O sentimento e o desejo de conquista de um espaço público na vida coletiva na cidade parecem dar sentido ao cotidiano dos seus moradores: "(...) trata-se de sentir coletivamente, de experimentar a mesma necessidade de transformar um sonho (...) em realidade cotidiana" .

(ENRIQUEZ, 1994:57). Existe esse espaço?

3- Ruptura: Construindo Resistências

A construção da participação na administração coletiva da cidade teve na presença dos freis franciscano um dos mais importantes aliados. No lembrar de Maria da Glória:

"(...) olha, os franciscanos, eles deram assim um novo impulso à luta da gente, nós que iniciamos a discussão sobre fé e política. Quando a gente começou a ter, a sentir essa resistência da comunidade, das comunidades religiosas aí eles chegaram, e tanto, como eu já te falei, tanto do clero, os padres, os bispos e tal, quanto dos freis Franciscanos, quanto dos leigos. Aí com a chegada deles, eles afinal de contas são do clero e quando eles falam têm muito mais autoridade...quando eles falavam tinham muito mais autoridade. Então nas comunidades onde eles atuavam, e eram... as coisas mudaram assim totalmente, eles tinham, têm uma prática muito diferente de atuar da Igreja que a gente conhecia. A começar na maneira de viver, eles moravam lá no meio da comunidade, lá numa casa simples, bem humilde, totalmente despojados de qualquer riqueza, me parece que faz parte da filosofia de vida deles, e eles tinham uma prática de trabalhar. Bem, é...quanto mais é...quanto mais reduzido, melhor, entendeu...então a gente tinha por exemplo um quadro...na cidade inteira uma...uma igreja aqui no centro, aqui que reunia, que discutia, que fazia tudo, aí eles vieram e criaram, aí em cada

favela tinha uma igrejainha, ali fazia a celebração, tinha a escolinha, tinha a associação dos moradores, discutia a questão da água, do ônibus, da escola entendeu? Em cada comunidade."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

O início da construção dessa participação - difícil, mesmo com todos os desejos latentes de uma cidade ainda se fazendo - é lembrado pelo olhar da memória do fazer:

"(...) a gente reunia, formava uma comunidade, dava um nome e já começavam as discussões, os problemas. Da educação, do transporte, da igreja e tudo. Com isso multiplicaram-se as comunidades principalmente na periferia, onde eles atuaram. Eles tinham uma prática religiosa e social, totalmente diferentes da outra ala da cidade que permaneceu naquela prática conservadora. Eles tinham experiência também que nos ajudaram muito na época que a gente estava começando. Estava com muita vontade mas às vezes trocava os pés pelas mãos. Com a experiência que eles trouxeram coincidiu com a nossa vontade e o movimento teve um impulso fantástico. Assim a partir da chegada deles é que nós começamos os grandes

enfrentamentos, os primeiros casos na favela que a gente enfrentou eles já estavam juntos. Tinha aquela Igreja que mandava você discutir, fazer movimento e eles eram desrespeitados, a todo o momento enfrentados. A imprensa se referia a eles até com apelidos pejorativos: 'nossos padres vermelhos'. Assim que eles eram chamados. Não eram considerados. Eram ovelhas negras da Igreja e o Estado, o poder público igualmente. A vantagem é que eles tinham o apoio da Igreja, então quando eles eram atingidos, o bispo se manifestava, o papa se manifestava. Então isso pesava...eles pensavam duas vezes antes de enfrentá-los, mas eles eram inclusive ameaçados."

(Maria da Glória, entrevistada para a história da cidade).

Maria da Glória em seu depoimento mostra-nos estes sentimentos de expectativa e mudanças por acontecerem na cidade - após a eleição (sindical) ^{para deputado estadual de um dos trabalhadores usiminas} fora dos portões da USIMINAS: ^{diretor na}

"(...) 'agora nós vamos dar a resposta, agora nós vamos dar o troco, aqui fora ninguém nos controla'...esse era o sentimento geral, era o que falavam para gente...assumiram isso e constantemente a

todo momento passava gente na sede: 'me dá boletim do partido aí que eu vou levar pra minha cidade.' E com isso o Chico obteve uma votação muito expressiva, em todas as cidades aqui da região. Não foi considerado um fenômeno eleitoral, mas foi graças exatamente aos trabalhadores, que tem origem nas cidades vizinhas. A gente percebia assim na reta final da campanha, os materiais de campanha sumiam, as pessoas passavam e levavam, já nem havia mais necessidade de fazer campanha, porque a própria situação carregou a campanha."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

Os freis franciscanos, anunciantes de uma Igreja Libertária, através dos trabalhos junto aos moradores de Ipatinga, deixaram experiências pedagógicas extremamente cativantes - o fazer/fazendo.

Para frei João José, o primeiro frei a chegar a Ipatinga, em 1983:

"(...) o primeiro trabalho que nós começamos, depois que nós chegamos lá era com os desempregados, porque era 83, então era uma época de muito desemprego. Então, eu acho que no Vale do Aço tinha uns 20.000

desempregados, naquele tempo. Então, o primeiro trabalho foi com eles. Nós começamos a cadastrar, não é...os desempregados. Planejamos, com eles uma viagem para Belo Horizonte. Começamos a fazer reuniões com eles nas comunidades e, naquela época quem era governador era Tancredo Neves. E aí, nós preparamos toda a viagem, não é...e, na véspera, acho que eram dezesseis ônibus... dezesseis ônibus...nós fomos a Belo Horizonte. Mas na véspera, acho que houve muitos boatos, não é... então, houve um boato de que a polícia não ia deixar ônibus sair de Ipatinga, ou não ia deixar o ônibus entrar em Belo Horizonte, ou a empresa não ia mandar os ônibus. Todo mundo ficou meio...meio preocupado na véspera. Mas, no dia tudo deu certo sabe...e, até o bispo, Dom Lara...ele também foi junto. Então nós fomos com uma caravana de dezesseis ônibus para Belo Horizonte. E no Palácio da Liberdade todos nós fomos recebidos pelo governador. Tancredo Neves nos recebeu, e...os desempregados, os líderes não é...as lideranças falaram, colocaram...em Belo Horizonte. E o governador prometeu alguma coisa (risos) no sentido de procurar emprego e procurar uma solução para o desemprego, etc. Então eu acho que foi o primeiro trabalho, praticamente. Depois continuou,

nosso trabalho com os desempregados. Mas foi o primeiro trabalho que nós começamos".

(frei João José, entrevista para história da cidade).

Um primeiro passo, porém, acompanhado de inúmeros e criativos estímulos à vida política ^{coletiva} da cidade. O lembrar de frei Jacyr mostra-nos o jeito de fazer:

"(...) a gente jogava para o povão, seja nos espaços que a gente tinha nas rádios, nos jornais...então a gente denunciava...era uma pastoral toda voltada para o mundo do trabalhador, toda a pastoral era fundamentada nisto, a gente trabalhava na formação de lideranças para fortalecer os movimentos sociais...era gente que saía da nossa base e tornava-se presidente da Associação dos Moradores, a chapa do Sindicato, transformavam-se depois em vereadores...era uma coisa assim, tão natural."

(frei Jacyr, entrevista para a história da cidade).

Parecia natural porque os moradores da cidade haviam chegado a um porto. Assim como os navegadores em busca de um novo mundo, nesse momento do lembrar pode ser percebida uma Ipatinga de descoberta, na direção da conquista.

Um olhar e um lembrar mostrando a construção do movimento na cidade pela sua fundação. Chico Ferramenta, ex-líder sindical, eleito prefeito em 1988⁹ foi levado pelo acaso à cidade de Ipatinga - ali ficou para trabalhar:

"(...) na verdade eu cheguei a Ipatinga sem nenhuma militância anterior, seja em movimento, nenhum movimento social, estudantil ou sindical, nada nenhuma participação política e quando eu cheguei em Ipatinga eu vim exatamente para trabalhar. O projeto meu era fazer um estágio, que eu não tinha feito nenhum estágio do curso técnico de química e faria esse estágio durante seis meses e voltaria para Belo Horizonte para continuar o curso lá de matemática. O meu projeto era terminar matemática e depois iria fazer física. Aí cheguei aqui e acabei ficando."

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade).

Sua vida na cidade como a de todos os moradores ligados à empresa será cerceada, vigiada. A participação era vedada, como nos faz ver Maria da Glória:

"(...) O grande problema nosso, um dos grandes problemas era o...a imposição da empresa né...da

USIMINAS, essa lei do silêncio ela era, ela era terrível pro movimento, era proibido, ninguém podia participar de nada, ninguém podia protestar, então toda a manifestação que a gente fazia, ela só podia contar com a participação do pessoal da periferia, de algumas vezes das mulheres, porque os trabalhadores, os metalúrgicos principalmente eles eram proibidos de manifestar _____ ou _____ de _____ participar." (Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

A insistente vigilância da empresa à vida dos seus trabalhadores não foi suficiente para impedir seus movimentos no sentido da fundação da cidade. A paixão pela liberdade sempre esteve presente dentro deles e Chico Ferramenta fala-nos da descoberta dessa paixão:

"(...) foi a partir de 84 que eu fui entrando nessa parte política, sendo que no final de 84 que a coisa deslanchou. No final de 84 que aconteceu uma campanha salarial dos metalúrgicos né...que era a campanha salarial. Eu tinha um vizinho que também trabalhava no Centro de Pesquisas, o João¹⁷, ele era

1717 Chico Ferramenta refere-se a João Mucida, engenheiro; fazia parte do grupo de pesquisa Centro de Pesquisa - USIMINAS quando o entrevistado foi demitido. Atualmente o engenheiro

engenheiro no Centro de Pesquisas aí nós fomos juntos para a assembléia. Durante o caminho nosso lá para a assembléia ele falou comigo: 'ah eu vou parar lá na assembléia , eu estou querendo falar algumas coisas não sei o que e tal'. Aí quando chegou lá na assembléia ele falou, aí eu fiquei também entusiasmado peguei o microfone e falei também. A partir daquele momento(...)"

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade).

O fascínio pela vida da cidade começa a ser descoberto:

"(...) aí quando eu saí de férias logo em seguida da assembléia, na mesma semana, quando eu voltei o pessoal todo estava preocupado porque eu poderia ser demitido. O meu chefe me chamou me perguntou se eu tinha falado na assembléia por espontânea vontade ou se eu tinha uma participação no movimento sindical, se eu participava da Pastoral Operária, que eles tinham levantado a minha ficha, as pessoas que eu relacionava. Aí nessa conversa eu já tinha conversado com o pessoal e com o Ivo, o pessoal da

encontra-se num quadro mental definido como loucura.

Pastoral Operária, da Casa do Trabalhador, na época esse pessoal sim estava discutindo a...já era um grupo organizado que estava discutindo eleição do sindicato do outro ano, o ano de 85. Aí esse pessoal que estava discutindo a eleição do sindicato de 85 me chamou e convidou para participar do grupo e me sugeriu inclusive que se eu fosse chamado lá pelo chefe que eu falasse que não."

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade).

Punido, por desejar uma cidade de todos, Chico Ferramenta vê e mostra-nos o surgimento do sujeito coletivo na cidade:

"(...) realmente a partir dali é que começou a ter uma grande transformação política na cidade que na verdade já estava sendo gestada. A nossa chapa na minha opinião apenas simbolizou, ela conseguiu encarnar toda uma vontade de mudar as coisas dentro da cidade e juntou tudo, Igrejas, lideranças políticas, Associações de Bairros, Pastorais, tudo foi se juntando em termos assim de apoio. O apoio e a repercussão daquela eleição sindical é...ultrapassou os limites de uma eleição sindical."

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade).

Esse lembrar do momento da eleição sindical para Maria da Glória traz junto sentimentos de muita dor, também de determinação, muita coragem, isso porque os desejos por mudanças ultrapassaram os limites da uma eleição sindical:

"(...) em 85, no dia da apuração, que a gente percebeu que a gente tinha perdido a eleição, é...nós achamos que a gente havia sido aniquilado. A impressão que eu pessoalmente tive assim que terminou a apuração, é que a USIMINAS havia nos derrotado. A cada derrota que a gente tinha, era um sofrimento muito grande porque o que estava ali era o sangue da gente...a gente fazia aquilo tudo por convicção, tinha tanta convicção, que poderia vir USIMINAS, o prefeito, o governador e dizer o que quisessem, mas a gente tinha certeza do que estava fazendo, não importa sair derrotado, mais a gente precisava fazer alguma coisa. Então aquela derrota em 85 doeu fundo na alma da gente. Assim que terminou a apuração e foi dado o resultado, a gente estava reunido assim numa grama em frente a sede do sindicato, e o Chico, o Chico Ferramenta, desceu de lá do auditório onde estava

acontecendo a apuração, fez um discurso, já estava todo mundo chorando, levantando o astral da gente, disse que a gente havia perdido apenas uma batalha e não a guerra, nós falamos que ia continuar, e cantamos o Hino Nacional... Descoltados pela polícia."

(Maria da glória, entrevista para a história da cidade).

Essa perda, nesse lembrar de Maria da Glória, tão doída aos seus operários, foi força para novas energias, novos fôlegos. A cidade que já havia vivido perdas irreparáveis estava agora por ressurgir. Chico Ferramenta, lembra da derrota sindical - Chapa Ferramenta - enquanto significado de mudança, de **Ruptura**:

"(...) aí nós ganhamos no primeiro turno e no segundo turno fomos derrotados. Mais ainda permaneci na empresa até o final do ano de 85, quando eu fui demitido. A argumentação que eles espalharam pela usina para justificar a demissão é que eu tinha entrado naquela ocasião para fazer trampolim político que eu era candidato a deputado estadual, aí inclusive eu tive que fazer até uma carta para poder...para poder... para dizer que aquilo realmente não tinha nada a ver até porque eu nem era filiado a

nenhum partido político...foi assim uma coisa que não teve previsão da minha parte pessoal...mas já existia em gestação dentro da cidade...a cidade tem as suas contradições mas nunca teve uma oportunidade para que você sonhasse...foi acontecendo assim naturalmente e a **nossa chapa da eleição sindical simbolizou essa vontade de mudança** (grifo meu) e depois veio a nossa candidatura de deputado estadual que também simbolizou isso."...~~(...)~~ "(...) foi fevereiro de 86 que eu já estava demitido, tinha sido eleito presidente da CUT Regional Vale do Aço...naquele momento houve um movimento na cidade das Comunidades Eclesiais de Base, Pastoral Operária, a cidade inteira se mobilizou e o PT me procurou para ser, para saber se eu queria ser realmente candidato ou filiar ao PT e tal. Aí nós acabamos reunindo a oposição sindical e decidimos que este poderia ser um caminho para poder denunciar aquele estado de coisas que estava acontecendo na cidade."

(Chico Ferramenta, entrevista para história da cidade).

Segundo Maria da Glória os operários oprimidos, no desejo de viver a vida da cidade, alimentaram nos seus

corações um sentimento intenso de satisfação pela expectativa do sonho de liberdade:

"(...) nos operários é que aconteceu a grande mudança...os operários, eles falavam assim: 'agora nós vamos dar a resposta, agora nós vamos dar o troco aqui fora ninguém nos controla'. Esse era o sentimento geral... Chico obteve uma votação muito expressiva."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade).

Abri a construção inicial deste capítulo apontando os olhares dos entrevistados nos caminhos da construção da participação política na vida de Ipatinga. Os depoimentos lembraram-nos como foi difícil para os moradores construir resistências e trilharem caminhos novos. E trilhamos caminhos próprios. Um profundo sentimento de paixão e vida começa a tomar conta dos moradores da cidade. Uma nova vida está por nascer.

Essa nova vida na cidade será assunto para o quarto e próximo capítulo.

CAPÍTULO IV - 1985-1992

A CIDADE COMO LUGAR DE VIDA

"(...) A grande mudança em 86...aí o Chico foi eleito deputado estadual, ele fez um bom mandato, mas também, ele ficou pouco tempo lá em outubro, ficou dois anos. Em 88 teve eleição para prefeito, aí já foi mais fácil quase que nem precisávamos fazer campanha."
(Maria da Glória).

Nesse momento da dissertação, as entrevistas estarão apontando a cidade já conquistada, mas, que ainda requer boas leis¹⁸ para permanecer nas mãos dos vencedores. Foi a descoberta da ruptura, da fundação - a busca da construção do equilíbrio entre os poderes do Estado e dos cidadãos - que sustentaram essa nova vida na cidade.

Em sua teoria da ação política, Maquiavel aponta-nos sua visão de fundação da cidade mesmo quando "(...) *todas as forças conspiravam contra seu sucesso*" (MAQUIAVEL, apud, Bignotto, 1991:130). Apresenta-nos ainda, elementos importantes para a conservação do vivido, do conquistado, porque "(...) *é pela conservação que podemos medir a eficácia de uma política.*" (Op. cit.:134).

Nesse capítulo, quarto e último, pretendo abordar os olhares sobre a Ipatinga da fundação e conservação. Uma outra Ipatinga construída pela participação dos seus moradores em sua cotidianidade.

A memória do lembrar e do fazer, do jeito de fazer, trarão sentido à fala de Chico Ferramenta, que de líder sindical torna-se prefeito eleito (1988-PT) pelos operários - vigiados, silenciados, massacrados - tendo agora, a cidade sobre seu poder. Um lembrar que "(...) *não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.*" (BOSI, 1979:54).

¹⁸ Esse conceito de *boas leis* de Maquiavel refere-se à conservação das cidades, quando: "*todos*

Trará sentido também, o lembrar presente de Maria da Glória, mulher que ousou romper com os preconceitos e barreiras da participação feminina na vida política e social da cidade.

Veremos ainda os olhares dos freis franciscanos, Jacyr, Flávio e Adelmo que ultrapassaram os limites de uma Igreja só contemplativa. Lançaram-se junto aos moradores, a uma proposta de cidade nova - buscando no Evangelho o rumo de suas atividades comunitárias porque vieram à cidade para "(...) libertar o povo da submissão e do silêncio (...) transformar as exigências do Evangelho em práticas, que vão dar naquilo que está hoje em Ipatinga." (frei Flávio, entrevista para a história da cidade).

Quais caminhos foram percorridos pelos seus cidadãos na construção dessa cidade livre poderão ser ^{frustrados} ~~percorridos~~. Acompanharemos esses olhares sobre a Ipatinga conquistada. Agora, nem véus, nem mistérios.

1 - A cidade administrada pelos seus cidadãos

A administração de Ipatinga pelos seus cidadãos, com participação consciente e cotidiana, foi surpreendente dentro de uma cidade onde seus "habitantes naturais" foram

que pretendem criar novas leis, terão que vencer uma série de obstáculos." (Bignotto, 1991:128).

impedidos, com cerca de arames farpados, de usar a liberdade de ir e vir. Essa mesma cidade agora abre-se para receber seus cidadãos de todos os pontos e lugares.

Ipatinga, até 1988, foi uma cidade administrada pelos políticos-coronéis da região. Eram eles que, historicamente, administraram a cidade. Mas, ao buscar uma sociedade que "*(...) inventa e define para si mesma tanto novas maneiras de responder as suas necessidades, como novas necessidades*" (CASTORIADIS, 1986:141), seus cidadãos elegem um extrabalhador da USIMINAS para prefeito da cidade - Chico Ferramenta - e mostram-se presentes no espaço público da cidade. Era realmente tudo muito novo.

Chegara a hora de estancarem com todo o mando, até então, presente na História política e social de Ipatinga. A ação política do Estado e dos cidadãos provocando uma reviravolta no cotidiano da cidade. Cidade aqui, entendida enquanto espaço de direito e enquanto conquistas de direitos à vida urbana, transformada e renovada.

Espoliados nos seus direitos à participação, cerceados nos seus desejos de viver na coletividade, conquistaram espaços públicos comuns. Agora vivem um cotidiano reconhecido como resultado da "*(...) vontade de cada um de fazer mudar as coisas*" (ENRIQUEZ, 1994:32). Essa vontade surge do mergulho coletivo:

"(...) quando nós conquistamos a prefeitura, eu falo nós conquistamos porque foi a população que conquistou, então nós passamos a ter ali uma obrigação, um dever para o conjunto da população; então a conquista daquele espaço foi do conjunto da população, então nós apenas demos vazão, nós apenas tomamos iniciativas necessárias para efetivar tudo aquilo que fazia parte do processo, que ao conquistar a prefeitura a população conquistou com essas perspectivas de mudanças, de transformação e o principal, o momento, a mola para isso aí é a participação popular. Através dela que a população vem para dentro da administração para decidir as políticas públicas, para decidir os investimentos da cidade."

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade)

Segundo Maria da Glória a cidade sempre foi impossibilitada de se fazer representar pelos seus cidadãos. Contudo, viveu mudanças a partir não só da hora em que um prefeito municipal foi eleito pelo povo através de um partido de esquerda, mas porque a vontade de participar ficou alimentando o cotidiano dos seus moradores, desde a derrotada eleição sindical em 1985:

"(...) a cidade mudou, a cidade assim virou uma outra cidade, porque em que pese...apesar dos inúmeros problemas que nós tivemos nas administrações, às vezes, até enfrentamento, nós mesmos do movimento, greves, protestos, contra o prefeito, Chico Ferramenta, tanto o Chico Ferramenta como o João Magno, que foi o sucessor dele, acho que vamos ter muito enfrentamento com o Chico na administração agora do movimento, com ele, mas apesar de tudo a cidade mudou. Hoje, o Chico quando...quando assumiu a prefeitura a gente estava saindo de um mandato assim...o Jamil parecia que estava aposentando antes da hora, aposentando antecipadamente, porque a cidade ficou abandonada, não havia limpeza urbana, não havia saúde. Era um caos. Urbanização nem falar. Foi dilapidada a prefeitura...sumiram máquinas, máquinas pesadas, acontecia de tudo, um desmando total, nenhum controle. Não tinha nem mais onde reclamar, então quando o Chico assumiu...durante um bom tempo foi para organizar. É caminhão que havia sumido, carro, carro de secretário, esses trens aí. É...então durante um bom tempo foi para organizar, e ele fez um bom mandato. De repente a cidade tem limpeza urbana

regularmente, pode até não ter solução para alguns problemas, mas a gente tem aonde reclamar; a saúde mudou...é...a participação, o orçamento participativo, e até é... até o jeito de cobrar...hoje a população cobra mais, porque sabe que...foi cobrando que nós chegamos...o movimento...nosso do partido...nós da esquerda, nós do movimento, foi cobrando que nós chegamos onde nós estamos. Então hoje, hoje a população cobra muito mais das administrações, acho que é a questão de cidadania."

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade, datada de 1996).

O cotidiano da nova vida política da cidade foi muito novo, difícil e segundo olhares de frei Jacyr - apaixonadamente bem elaborado:

"(...) a gente começou e o povo lotava...eu me lembro que o primeiro conselho popular do orçamento tinha trezentas e tantas pessoas, delegaados!...Foi tirada uma coordenação...aí você vê a influência nossa no meio do povo, nosso nome foi levantado e me escolheram. A gente ficou como representante do primeiro conselho popular...e naquele momento era

muito difícil. O pessoal não sabia como fazer ainda. Participamos ativamente nos primeiros anos do Chico.”
(frei Jacyr, entrevista para a história da cidade).

A Igreja tradicional não aceitou os freis franciscanos tão próximos das ações políticas de administração da cidade. Contudo, “(...) em nome da representatividade popular as ações tiveram prosseguimentos: ‘Faço isto não em nome da Igreja, da paróquia, mas em nome da representação popular’.”
(frei Jacyr, entrevista para a história da cidade).

Uma cidade agora administrada pela participação dos seus cidadãos e que sempre atraiu a todos pela sede de viver dentro dela:

“(...) Ipatinga é desafio para nós, do ponto de vista pastoral. Eu, de fato, não encontrei outro lugar, onde a coisa funcione como em Ipatinga. A comunidade não é do padre, as decisões tomadas dentro da paróquia não tinham aquela dependência exclusiva nossa. E me lembro, que a gente vivia sempre naquela correria, agenda cheia. Uma roça grande e uma empresa sempre presente que sempre quis dar uma direção à cidade: ‘aqui mandamos nós’, e o povo, num primeiro momento acata porque é o ‘paizão’ que está chegando, dando emprego, está resolvendo o problema. Fez de Ipatinga,

uma cidade pequena a uma cidade grande. Isto é um fator. Isto acirrou um confronto entre as classes muito grande. As lideranças que tinham, aquele povo que chegou para vir morar em Ipatinga, muitos deles já foram lideranças formadas no interior. Depois essas lideranças foram desembocando também no processo político, porque vem a questão do partido, da participação popular. Foram percebendo que tinham que participar também porque a fé não podia estar desligada disto...ao participar cresciam mais ainda.”
(frei Flávio, entrevista para a história da cidade).

Uma cidade habitada por cidadãos carregados de desejos por viver coletivamente essa nova vida:

“(...) que iam, e lá brigavam...não só lá brigavam como também se organizaram para administrar a cidade. Nós promovemos juntos a coleta de sugestões do povo. Coletamos dezenove mil e quatrocentas sugestões em toda a cidade. Criamos uma comissão da cidade e trabalhamos incansavelmente por duas semanas na Câmara de Ipatinga e selecionamos as propostas. E ninguém sem receber nada. Um vinha à noite, outro porque trabalhava à noite. Selecionamos, enxugamos, colocamos

na imprensa, repassamos todas as reclamações e depois veio o orçamento participativo e o povo lotava nas reuniões. Naquele momento era muito difícil, não sabíamos como fazer ainda, estávamos começando."

(frei Jacyr, entrevista para a história da cidade).

Administrada por propostas de igualdade e liberdade, minimamente de ir e vir dentro dos espaços públicos, Ipatinga, segundo os olhares de Chico Ferramenta, não era percebida pelos seus administradores públicos anteriores:

"(...) eu acredito mais pela forma da cidade, criada em torno da USIMINAS, a infra-estrutura que existia na cidade era voltada para essa questão aí de produção do aço na cidade, então foi a própria USIMINAS que fez por exemplo a infra-estrutura dos bairros que interessavam a ela. A prefeitura abdicou completamente, eu creio que é possível afirmar isso, durante anos e anos ela abdicou de administrar a cidade, de interferir na formação da cidade para os cidadãos. Era uma visão que não se cobrava imposto por exemplo, para que o cidadão não cobrasse nada da prefeitura, então eu não cobro e você não me cobra. Então a USIMINAS não pagava o IPTU no município,

passou a pagar a partir de (89) e eu acho que isso para ela é bom também, porque ela passa a o quê? A ter até condições de falar que está cumprindo com os seus deveres na cidade. Então nós passamos então a fazer o quê? Essas transformações dentro da cidade e fazendo tudo discutindo com a população. Então a política tributária ela também tem que ter participação popular. Nós vamos fazer o quê? Política social com cobrança de impostos, nós vamos cobrar mais de quem pode pagar mais, menos de quem pode menos e nada de quem não pode, então essa que é a política tributária que nós criamos a partir de 89. Aí também, mesmo no restante da cidade, a prefeitura até então a preocupação mais era com a infra-estrutura dos locais onde morava a população de melhor poder aquisitivo. Então nas partes altas da cidade, em várias regiões da cidade não tinha qualquer participação da prefeitura um abandono completo."

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade).

2- A submissão da empresa ao poder do povo

A insistente vigilância da empresa à vida política e participativa dos seus trabalhadores não foi suficiente para impedir seus movimentos no sentido da *fundação* da cidade. A paixão pela liberdade sempre esteve presente dentro deles. A cidade por se construir, incentiva seus moradores a melhor escolher seus administradores.

Para Chico Ferramenta, eleito prefeito em 88, a verdadeira cidade se mostraria aos seus cidadãos:

"(...) eu acho que a partir de 89 com a nossa primeira administração do PT, eu creio que começou uma grande transformação na cidade, as pessoas começaram a entender mais esse processo de quê que é a cidade e nós trabalhamos exatamente nessa linha de uma política de cidadania, da questão dos direitos e dos deveres porque até então, como eu acho que é uma coisa muito comum com tudo que se fazia na prefeitura era como se fosse um favor."

(Chico Ferramenta, entrevista para a história da cidade).

O sonho ainda existe - não mais de romper as relações sociais até então imersas no silêncio e na submissão, mas de buscar sempre uma cidade melhor para seus moradores:

"(...) ainda há o que conquistar na relação com a USIMINAS ela ainda tem o controle dos empregados, a cidade ela não controla mais. Aí nesse aspecto mudou, muito pouco, pelo menos até essa mudança, agora o sindicato, com uma direção mais, mais na nossa linha, não totalmente de esquerda mas, mais combativa, então durante este período todo, apesar de ganhar prefeitura, de ganhar deputado estadual, deputado federal, de ser referência a nível nacional de movimento e de mudanças, na relação com a USIMINAS ela se mantém, soberana, ainda tem o controle...os empregados né? **A cidade ela não controla mais.**"

(Maria da Glória, entrevista para a história da cidade)

Uma cidade que ainda se faz cotidianamente e que (...) adquire sua especificidade como resultado da ação de seus sujeitos" (BIGNOTTO, 1991:144), embora não cesse de se fazer:

"(...) porque A USIMINAS ainda detém o poder econômico, eu acho...talvez por isso, com a vitória do

PT nas eleições para prefeitura, houvesse uma inversão; então a proposta de participação popular ela foi tão, tão divulgada, tão cobrada da população, que o estranho é não participar. Eu acho que tem uma falta de qualidade nesta participação, as pessoas participam mas não tem bastante consciência do que estão fazendo...e como é, na verdade, a cidade é, ainda, controlada pela USIMINAS, ainda é muito, ainda não é livre. Culturalmente a cidade ainda deixa muito a desejar, a gente sente ainda muita necessidade de liberdade mesmo...está se expressando, tem é muita participação popular hoje, dos conselhos municipais é...conselhos é... hoje já está mudando no sindicato, então já tem uma certa é...já tem uma diferença né...de...aquela época, mais, ainda não é totalmente uma participação com qualidade "

(Maria da Glória, entrevista para a ^{história de} cidade).

Pretendí na exposição desses olhares captar o sentido da cidade administrada pelos seus moradores. A cidade agora sob o poder do povo. Todas as entrevistas apontaram o movimento de construção desse fazer/participar como algo extremamente novo e difícil. Apontaram também o desafio de contracenarem com a USIMINAS num mesmo espaço e as dificuldades disto, num contínuo refazer das ações

cotidianas. Estes novos personagens (SADER, 1988) afirmam-se enquanto sujeito-coletivo, "(...) no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nestas lutas". (SADER, 1991:55). Esses novos sujeitos expressaram suas vontades, estabeleceram novas relações sociais para além do espaço institucional dos partidos e sindicatos e se mostraram à cidade.

Em 1963, a autonomia política já despertava o desejo dos operários de se mostrarem - quando protestaram nos portões da empresa contra as condições subumanas de trabalho. Ali já traçavam uma vida coletiva na cidade onde seus cidadãos trariam a redenção para seus espaços públicos. No final dos anos 80, as Associações de Moradores, os Grupos de Jovens, os Clubes de Mães, juntaram-se a esses moradores e fundaram uma outra cidade.

Neste capítulo, através dos olhares dos seus cidadãos, apontei como os moradores de Ipatinga conservaram a cidade conquistada por eles.

TRILHANDO UMA CONCLUSÃO

De vários aspectos revelados por este trabalho, através da percepção dos moradores na sua construção política e social, um diz respeito às formas com que eles construíram-na. A pesquisa procurou salientar as diferenças e as igualdades desses olhares sobre Ipatinga - suas ações cotidianas de vida e de trabalho.

Ao buscar o lembrar/fazer na memória dos entrevistados, a proposta foi analisar o processo histórico da formação da cidade, da construção da USIMINAS e do espaço urbano traçado por ela, desde o início - a divisão e distribuição segregadoras dos moradores, determinando onde e em que extensão a proximidade dos seus moradores poderiam caminhar - dentro e fora da usina.

Ao mesmo tempo, recorrendo à memória dos cidadãos-citadinos e através do olhar de cada um, procurei captar seu imaginário e sua inserção na vida cotidiana, tentando perceber os caminhos trilhados que permitiram a construção da verdadeira Ipatinga.

A presença das mulheres na vida da cidade é constatada desde o início incorporadas ao cotidiano da organização da vida política e social - e também incorporadas nas discussões sobre condições de trabalho e melhoria da vida

coletiva. Enfim, sua vida enquanto moradoras, sempre incorporadas à preocupante participação na construção de uma nova cidade, onde os direitos de cidadania fossem extensivos a todos; cuja autonomia política e social fosse possível circular entre eles. Muitos foram os momentos da vida da cidade onde as mulheres atuaram enquanto sujeitos da sua construção.

No entanto, o momento mais contundente da construção do processo histórico da cidade foi a ruptura dos seus cidadãos com a cidade imposta - através da resistência à autoridade impingida aos moradores pela USIMINAS, que criou Ipatinga pela e para a empresa. Essa ruptura, construída pelos seus próprios atores sociais, é registrada na memória deles (1985), no momento da eleição do Sindicato dos Metalúrgicos, com a derrota da chapa Ferramenta.

No final dos anos 80, momento histórico de extrema importância para os cidadãos - a vitória do povo ao submeter a empresa ao seu poder - ao eleger o prefeito junto do qual administrariam sua cidade.

Esta participação efetiva dos moradores na vida política e social da cidade, ultrapassou os espaços do trabalho e aconteceu de forma incisiva em todos os lugares da vida dos cidadãos-citadinos.

Este momento coletivo foi profundamente significativo para os moradores da cidade ao sustentarem a luta pela

dignidade e pela esperança de uma cidade de todos, não da empresa.

A organização da vida política e social de Ipatinga viveu em permanente conflito entre o poder coercitivo da USIMINAS e moradores da cidade - tanto no massacre de 63, quanto na construção cotidiana da resistência aos abusos desse poder.

A liderança das experiências vividas teve na mulher um esteio dos mais eficazes, embora os homens, incluindo aqui os operários, tivessem esse instante como um dos mais promissores para uma participação efetiva na vida política da cidade. Limitados pela imposição vigilante da empresa, os homens só tiveram uma participação mais explícita nos meados dos anos 80.

Entretanto, o que este estudo apontou é que o processo da construção das relações sociais no interior de uma cidade, é suficientemente complexo para limitar a compreensão das relações entre seus moradores. E é preciso expandir cada vez mais o estudo e aprofundamento das práticas coletivas cotidianas, buscando captar o sentido do fazer das mulheres e dos homens, na formação histórico-social das cidades.

Através dos olhares dos cidadãos-citadinos de Ipatinga, pude penetrar e ver a construção do processo histórico da formação da cidade e perceber como o entusiasmo na fé e na

dignidade da cidadania explicam uma Ipatinga de *fundação contínua*¹⁹.

E assim foi feito.

¹⁹ Conceito de *fundação contínua* trabalhado por MAQUIAVEL (Bignotto, Apud. :129).

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. **História Oral, a experiência do CPDOC**, Rio de Janeiro, FGV, 1989.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das letras, 1987.
- BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel Republicano**, São Paulo, Loyola, 1991.
- BOBBIO Norberto. **Dicionário de Política**. Vols. 1-2. EDUNB, 1983.
- BOSI, Ecléa. **Lembranças de Velhos**. São Paulo, T. Queiroz editor Ltda, 1979
- CARDOSO Ruth. **Movimentos sociais urbanos: balanço crítico**. In **sociedade e política no Brasil**. São Paulo, brasiliense, 1983.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**, Cia das letras, 1990.
----- **Os Bestializados**, o Rio de Janeiro e a República que não foi, Companhia das letras, 1991.
- CARVALHO, Maria Cecília M. de, org. **Construindo o Saber**, São Paulo, Papyrus, 1994.
- CASTORIADIS e outros. **A criação histórica**, Ofícios, 1992 Castoriadis,
----- **A Instituição Imaginação da sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.
- CERTEAUX, Michel de, **Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- COSTA, Emília Viotti. **Estruturas versus Experiência**, Rio de Janeiro, n.29, 1990.
- DOMINGUES, Ivan. **O Grau Zero do Conhecimento**. São Paulo, Loyola, 1991.
- DOUGIER, Henry. **Memória das cidades**. Berlim. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
----- **Memória das cidades**. Toledo, Rio de Janeiro Zahar, 1993.
- ENRIQUEZ, Eugène. **Da Horda ao Estado**, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- EVERS, Tilman- **Identidade, a face oculta dos novos movimentos sociais**.
Novos estudos Cebrap, São Paulo, no. 14, 1984.
- FARIA, Vilmar. **A Conjuntura Social Brasileira**. In **Novos estudos CEBRAP**, no.33 julho de 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, **Usos & abusos da história oral**, FGV, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova fronteira: 1988.

- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo, Abril editora, coleção "Os Pensadores".
- GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**, Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- GUARINWILLO, Luiz Norberto. **Memória coletiva e história científica**, USP, maio de 1993.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, vértice, 1990.
- IGNÁCIO, Piter. **A filha do carvoeiro** Top-livros Ltda, 1980.
- JOUTART, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In **Usos & abusos da história oral**, FGV, 1996.
- KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo, trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, 1995.
- LE VEN, Michel. **Classes sociais e poder político na formação do espaço - em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Departamento de Ciência Política/UFMG, 1976, (Dissertação Mestrado).
- **A Experiência dos Metalúrgicos Mineiros** tese de doutorado, 1988.
- **História oral de vida: O instante da entrevista**, xerox. 1997.
- LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Tradução de Jehovira Chysóstomo de Souza. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- **O direito à cidade**. T.C.Neto, Ed. Documentos, 1969.
- LEFORT, Claude. **As formas da história**. Brasiliense, 1990.
- LÉVY, André et al. **Psicossociologia, Análise Social e Intervenção**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- MACHIAVELLI, Niccolò. **O Príncipe**, Editora Cultrix. SP. São Paulo.
- MOISÉS, J. Álvaro, **Cidade, Povo e Poder**, RJ, 1981.
- NEVES, Magda de Almeida. **Trabalho e cidadania; as trabalhadoras de Contagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- NOVAES, Adauto. **Tempo e História**. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista, discurso do confronto velho e novo mundo**. Campinas, Cortez/Editora da UNICAMP: Editora Cortez, 1990.
- **As formas do silêncio**, Editora da UNICAMP, 2ª. edição, 1993.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**. Trad. Denise Bottmann, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.
- POMPERMAYER, Malori José, org. **Movimentos sociais em Minas Gerais**, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1987.

- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**, reflexões sobre a ética na história oral, projeto História, São Paulo. Abril de 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"** - CERU/Departamento de Ciências sociais, FFLCH, USP. Ensaio, março de 1987.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**, Paz e terra, 1985.
- REVISTA Especial - IPATINGA Ano -20. Abril, 1984.
- SADER, Eder. **Quando Novos personagens entraram em cena experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo**, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1991.
- TELLES, Vera. **Movimentos sociais, Reflexões sobre as experiências dos anos 70**, in Krisenk, Paulo J, Seherr, Warren (org.) in **Uma Revolução no cotidiano?** Brasiliense, São Paulo, 1989.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica. Investigação Social e enquete Operária**. São Paulo, coleção Teoria e História, 6, Ed. Pólis, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, ed. Graal, 1979.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- USIMINAS **25 anos de história**, Belo Horizonte - Fundação João Pinheiro - FJP- 1990:(depoimentos de Lucas Lopes, Luiz Verano e outros).
- WALTER, Benjamin. **Obras Escolhidas**, vol. 1, São Paulo, brasiliense, 1985
- WEFFORT, Francisco. **Qual democracia?** São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- WILSON, Edmund, **Rumo à estação Finlândia**. Companhia das letras, São Paulo, 1987.

...FIM